



Convergência

JUNHO 2016
ANO LI • Nº 492

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO: Mônica Elaine G. S. Costa
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Sergio Ceron

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

A novidade que faz novas todas as coisas 365

Mensagem do Papa

Aos consagrados e às consagradas por ocasião
do encerramento do Ano da VC 368

Conferência Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas – CLAR

“Saíamos depressa ao encontro da vida”
no Dia da Vida Consagrada 371

Rosto Misericordioso do Pai

O rosto misericordioso de Deus
na experiência junto aos moradores de rua 375

Biografia dos Mártires

Beata Lindalva Justo de Oliveira 382

Informes

Congresso Internacional de Educação Católica 386

A arte do acompanhamento 393

Artigos

Instituição, poder e gestão colegiada:
dialogando com o Papa Francisco
WILLIAM CESAR CASTILHO PEREIRA 397

Profecia coletiva: VRC tecendo redes de vida
e libertação no enfrentamento ao tráfico de pessoas
EURIDES ALVES DE OLIVEIRA 413

A novidade que faz novas todas as coisas

No encerramento do Ano da VC, em 2 de fevereiro de 2016, o Papa Francisco expressou que os consagrados e as consagradas são chamados/as ao encontro. “A vocação, de fato, não se inspira num nosso projeto pensado de ‘maneira estratégica’, mas numa graça do Senhor que nos alcança, através de um encontro que transforma a vida. Quem realmente encontra Jesus não pode permanecer como antes. Ele é a novidade que faz novas todas as coisas”.

Na mesma data, 2 de fevereiro, dia da VC, Irmã Mercedes, presidente da CLAR, expressiu que o Ano da VC tem sido um grande dom e presente do Papa, pois impulsionou nossas conferências, comunidades e cada consagrado e consagrada: “Um ano que nos renovou em esperança e que vivemos como um renascimento graças ao Espírito que renova todas as coisas. Um ano, também, em que nos tornamos conscientes da nossa profecia e de que a VC está no centro de nossa identidade profissional”.

Irmã Silvânia mostra-nos o rosto misericordioso de Deus na sua experiência junto aos moradores de rua. Entre tantos jeitos de ser, a Irmã é a “expressão do rosto misericordioso do Pai que acolhe, sente compaixão, aproxima, vê com o coração, compartilha a vida, celebra conquistas, eterniza gestos de afetos e bem querer”.

Irmã Maria de Fátima nos apresenta a Beata Lindalva, martirizada por amor a Deus e aos irmãos. Escreve a autora: “Todos os testemunhos colhidos para o processo de beatificação falam de sua simplicidade, cordialidade e a alegria com que tratava a todos. Realiza serviços simples e humildes para os idosos internos”.

Pe. Aguado apresenta um resumo oficial do Congresso Internacional de Educação Católica, realizado de 18 a 20 de novembro de 2015, em Roma, por ocasião do 50º aniversário da *Gravissimum Educationis* e do 25º aniversário da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*. O resumo, no final, traz as palavras do Papa sobre a educação: “A educação é uma grande obra em construção, em que a Igreja está presente desde sempre com instituições e projetos próprios. É preciso incentivar ulteriormente este compromisso em todos os níveis e renovar a tarefa de todas as pessoas que nela atuam, desde a perspectiva da nova evangelização. E, nesse horizonte, dou-lhes graças por todo vosso trabalho e invoco a intervenção da Virgem Maria e a constante ajuda do Espírito Santo sobre vocês e sobre suas iniciativas”.

Irmão Edgar escreve sobre “A arte do acompanhamento”, dizendo que “a grande preocupação é como ajudar as pessoas a viverem de forma mais livre e integrada sua vida e desempenhar melhor sua missão”. Citando o Papa, o autor ensina que “o acompanhamento tem a finalidade de ajudar a pessoa a caminhar em direção à verdadeira liberdade. Somente pessoas livres podem alcançar convicções claras e objetivas para tomar decisões verdadeiramente responsáveis. O acompanhamento possibilita abrir novos horizontes e favorecer o itinerário da pessoa no seu amadurecimento pessoal”.

William Castilho, dialogando com o Papa Francisco, apresenta o artigo “Instituição, poder e gestão colegiada”. O autor reflete sobre a educação social humanizadora: “o que estamos chamando de organização social humanizadora é uma estratégia que cria e elabora uma nova maneira de relacionamento entre o líder e os participantes. Assim sendo, esse tipo de organização é capaz de garantir o exercício do poder coletivo, da iniciativa, da participação responsável e da criatividade de seus membros”.

“Profecia coletiva: VRC tecendo redes de vida e libertação no enfrentamento ao tráfico de pessoas” é o artigo de Irmã Eurides. Esclarece a autora que, seguindo a metodologia do Ver, Julgar, Agir, parte de algumas considerações

sobre o tecido social de onde surgem os *os-clamores*. Segue fazendo uma breve fundamentação sobre redes e sua força de profecia coletiva para a VRC. Por fim compartilha algo sobre a missão da Rede Um Grito pela Vida, no intuito de continuar sensibilizando-nos para esta causa e quem sabe servir de luz para o surgimento de outras redes da VRC, em respostas aos desafios missionários de nosso tempo.

Ir. Lauro Daros, marista

Aos consagrados e às consagradas por ocasião do encerramento do Ano da VC

Por ocasião do encerramento do Ano da Vida Consagrada, o Vaticano divulgou discurso do Papa Francisco. O Jubileu foi realizado de novembro de 2014 a fevereiro de 2016, a partir do lema “Vida Consagrada hoje – evangelho, profecia e esperança”.

A atividade encerrou-se com a Jornada Mundial da Vida Consagrada, em Roma. Durante missa celebrada na Basílica de São Pedro – Festa da Apresentação do Senhor, na terça-feira, 2 de fevereiro, o Papa deixou mensagem aos consagrados.

“Hoje, diante do nosso olhar, há um fato simples, humilde e grande: Jesus é levado por Maria e José ao templo de Jerusalém. É um menino como muitos, como todos, mas é único: é o Unigênito vindo para todos. Este Menino nos trouxe a misericórdia e a ternura de Deus: Jesus é a face da Misericórdia do Pai. Este é o ícone que o Evangelho nos oferece no final do Ano da Vida Consagrada, um ano vivido com tanto entusiasmo. Este, como um rio, agora conflui no mar da misericórdia, neste imenso mistério de amor que estamos vivendo com o Jubileu extraordinário.

A festa de hoje, sobretudo no Oriente, é chamada festa do encontro. Com efeito, no Evangelho que foi proclamado, vemos vários encontros (cf. Lc 2,22-40). No templo, Jesus vem ao nosso encontro e nós vamos ao seu encontro. Contemplamos o encontro com o velho Simeão, que representa a espera fiel de Israel e a exultação do coração para a realização das antigas promessas. Admiramos também o encontro com a idosa profetisa Ana, que, ao ver o Menino, exulta de alegria e louva a Deus. Simeão e Ana são a espera e a profecia, Jesus é a novidade e a realização: Ele se apresenta a

nós como a perene surpresa de Deus; neste Menino nascido para todos se encontram o passado, feito de memória e de promessa, e o futuro, repleto de esperança.

Podemos ver nisso o início da Vida Consagrada. Os consagrados e as consagradas são chamados/as, antes de tudo, a serem homens e mulheres do encontro. A vocação, de fato, não se inspira num nosso projeto pensado de “maneira estratégica”, mas numa graça do Senhor que nos alcança, através de um encontro que transforma a vida. Quem realmente encontra Jesus não pode permanecer como antes. Ele é a novidade que faz novas todas as coisas. Quem vive este encontro se torna testemunha e torna possível o encontro para os outros; e se faz também promotor da cultura do encontro, evitando a autorreferencialidade que nos faz permanecer fechados em nós mesmos.

O trecho da Carta aos Hebreus, que ouvimos, nos recorda que o próprio Jesus, para vir ao nosso encontro, não hesitou em compartilhar a nossa condição humana: “Visto que os filhos têm em comum a carne e o sangue, também Jesus participou da mesma condição” (v. 14). Jesus não nos salvou “de fora”, não permaneceu fora do nosso drama, mas quis compartilhar a nossa vida. Os consagrados e as consagradas são chamados a ser sinal concreto e profético desta proximidade de Deus, desta compartilha com a condição de fragilidade, de pecado e de feridas do homem do nosso tempo. Todas as formas de Vida Consagrada, cada uma segundo as suas características, são chamadas a estar em estado permanente de missão, compartilhando “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, dos pobres, sobretudo, e de todos os que sofrem” (*Gaudium et spes*, 1).

O Evangelho nos diz que “O pai e a mãe de Jesus estavam admirados com o que diziam a respeito dele” (v. 33). José e Maria custodiam a admiração por este encontro repleto de luz e de esperança para todos os povos. E também nós, como cristãos e como pessoas consagradas, somos custódios da admiração. Uma admiração que pede para nos renovarmos sempre. Ai da rotina na vida espiritual! Ai da

cristalização dos nossos carismas numa doutrina abstrata! Os carismas dos fundadores – como disse outras vezes – não devem ser sigilados numa garrafa, não são peças de museu. Os nossos fundadores foram movidos pelo Espírito e não tiveram medo de sujar as mãos com a vida cotidiana, com os problemas das pessoas, percorrendo com coragem as periferias geográficas e existenciais. Não se detiveram diante dos obstáculos e das incompreensões dos outros, porque mantiveram no coração a admiração pelo encontro com Cristo. Não domesticaram a graça do Evangelho; tiveram sempre no coração uma inquietação saudável pelo Senhor, um desejo ardente de levá-lo aos outros, como fizeram Maria e José no templo. Também nós somos chamados hoje a realizar escolhas proféticas e corajosas.

Por fim, com a festa de hoje aprendemos a viver a gratidão pelo encontro com Jesus e pelo dom da vocação à Vida Consagrada. Agradecer, ação de graças: Eucaristia. Como é belo quando encontramos o rosto feliz de pessoas consagradas, talvez já com idade avançada como Simeão ou Ana, contentes e cheios de gratidão pela própria vocação. Esta é uma palavra que pode sintetizar tudo aquilo que vivemos neste Ano da Vida Consagrada: gratidão pelo dom do Espírito Santo, que sempre anima a Igreja através dos diversos carismas.

O Evangelho se conclui com esta expressão: “O menino crescia, tornava-se robusto, enchia-se de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele” (v. 40). Possa o Senhor Jesus, pela materna intercessão de Maria, crescer em nós, e aumentar em cada um o desejo do encontro, a custódia da admiração e a alegria da gratidão. Então outros se sentirão atraídos pela sua luz, e poderão encontrar a misericórdia do Pai”.

Fonte: www.cnbb.org.br

**“Saíamos depressa ao
encontro da vida” no
Dia da Vida Consagrada
2 de fevereiro de 2016**

371

Queridos Irmãos e Irmãs!

Hoje, 2 de fevereiro, fecha-se o Ano da Vida Consagrada (VC), que tem sido um grande dom, presente do nosso amado Papa Francisco. Como tem impulsionado nossas conferências, congregações, comunidades, cada consagrado e consagrada! Um ano que nos renovou em esperança e que vivemos como um renascimento graças ao Espírito que renova todas as coisas. Um ano, também, em que nos tornamos conscientes da nossa profecia e de que a VC está no centro de nossa identidade profissional.

Recentemente, 8 de dezembro de 2015, iniciamos o Ano da Misericórdia, e temos recebido o convite para passar pela Porta Santa. É providencial que de alguma forma foram emendadas estas duas celebrações. Entendo que existe um convite do Espírito muito concreto para a VC, não só para *sair* e *despertar o mundo* com ternura e compaixão, mas também para viver e “completar” a nossa profecia com a misericórdia.

A recente Bula *Misericordiae vultus* é muito trinitária. *A Vida Consagrada é “confessio Trinitatis”*, diz a *Vita Consecrata*. É como um “espaço trinitário”, que circula o amor do Pai e do Filho e pelo qual somos enviados/as para a missão. Podemos dizer que a VC é a *con ssão do Pai, con ssão do Filho e con ssão do Espírito Santo*. A Bula começa dizendo que “Jesus é o rosto da misericórdia do Pai”. Imediatamente os nossos olhos se concentram sobre a Origem, a Fonte da misericórdia: Deus Pai. Neste Ano da Misericórdia, podemos parar e pensar um pouco sobre o que significa ser uma VC confissão *do Pai*.

Confessar pode-se entender como testemunhar, confirmar, dizer com a vida que Deus é, antes de tudo e sobretudo, Pai. Mas não é só Pai, mas também Mãe, se acolhermos as atitudes com as quais ele foi identificado nas Escrituras.

Uma VC que confessa a paternidade-maternidade de Deus é:

- *Criativa*, não se repete, mas se deixa continuamente renovar. Dedicamos tempos, diálogos, espaços de discernimento pessoal e comunitário para o “sonho da caridade”. Os processos de reestruturação que muitas congregações estão vivendo exigem mulheres e homens criativos para tornar mais significativa a consagração, comunhão e missão, para depositar os nossos carismas em “odres novos” para responder aos apelos que o Espírito, a VC e o mundo nos fazem hoje. Será que a percebemos como uma VC que necessita deixar-se renovar? Os processos de reestruturação, estamos vivendo-os com esta consciência de dar uma resposta nova às chamadas e clamores de Deus e da vida, ou somente porque já não nos resta outra opção e precisamos fazer alguns ajustes para sobreviver? Sentimo-nos interpelados à criatividade por esta realidade que clama?
- *Generativa*, que promove processos de vida e que dão vida, que gera fecundidade, projetos aterrissados, muito evangélicos, de encarnação, e que, portanto, são fonte de uma grande alegria pascal. Somos uma VC gestora de vida ou de rotina? Que processos estamos gerando, que nos enchem de esperança? Quais processos precisamos acionar para frear a inércia que nos seca o coração e o entristece, e permitir a vitalidade e a aterrissagem concreta de projetos mais evangelizadores, que vão às margens existenciais e do pensamento, que gerem vida onde ela está em perigo ou já não existe?
- *A VC que sai ao encontro*, que não espera que a realidade chegue, mas que vai encontrá-la no caminho, como fez o Pai do filho pródigo saindo ao seu encontro, como Deus nos ama em primeiro lugar. A Festa da Apresentação no Oriente é também chamada de “Encontro”. Confessar que Deus é Pai-Mãe quer dizer, com a própria vida, que

o amor não espera, se faz contradição, o amor se antecipa, toma a dianteira ou, como diz o Papa Francisco, “*primeira*”. Como andamos neste “ir ao encontro”? Temos presente a *cultura do encontro* dentro de nossas comunidades, de nosso Instituto, de nosso apostolado? Somos uma VC que se antecipa, que dá o primeiro passo para a realidade, ou somos difíceis de encontrar, às vezes refugiados em nossos ninhos, em nosso conforto ou aburguesamento? Somos uma VC que propicia encontros?

- *Próxima, ao redor.* Deus Pai-Mãe se faz próximo no caminho da vida, na história da salvação. Ele se envolve e se aproxima de modo que nos envia o seu próprio Filho. Acaba de dizer o Papa Francisco¹ à VC que precisamos da proximidade. Ser consagrada ou consagrado não é para fugir e ter todas as comodidades, mas para aproximarmo-nos e compreender a vida, os sofrimentos e os problemas; aproximarmo-nos de tantas realidades e pessoas que somente são compreendidas na proximidade. Ser consagrado/a não significa sobressair aos demais, estar dois ou três níveis acima; significa proximidade física e espiritual com as pessoas, conhecê-las. O Papa convidou-nos a questionar: quem é o primeiro próximo entre os consagrados? E a reconhecê-lo primeiro em nossa própria casa, naqueles que estão doentes ou idosos. Uma maneira de fugir, de não estar próximo, é o terrorismo das fofocas, que significa jogar uma bomba e em seguida sair tranquilo. Se der vontade de criticar um irmão ou irmã, “morda a língua”, diz o Papa. Se é preciso corrigir alguém, diga-o à pessoa, e se não é prudente, diga-o a quem possa resolver. Como andamos em proximidade? Sabemos nos fazer próximos/as, começando em casa?
- *Obediência.* A obediência é própria de quem se sabe filha e filho e consiste na doação do coração. Esta obediência supõe escuta, diálogo, mas, no final, render-se à vontade de Deus. É uma obediência que vai contra as sementes da anarquia da vontade, “*uma filha do diabo*”, disse-nos também o Papa Francisco, fazendo-nos retomar o sentido de obediência como profecia.

1 Cf. PAPA FRANCISCO. Audiência à Vida Consagrada na Sala Paulo VI, 1º de fevereiro de 2016, Roma.

Com a obediência que é um dom, posso dizer ao mundo que há algo melhor e mais belo, ao qual todos somos chamados: a Vontade de Deus.

- *Cheio de esperança.* “A esperança não decepciona”, diz o apóstolo Paulo. Deus Pai-Mãe é o Deus da esperança, da promessa. Ele é quem inicia o trabalho e o leva à realização. Mas muitas vezes esta esperança torna-se difícil, disse-nos o Santo Padre. No momento em que vivemos como VC, dada a escassez de vocações, dizemos ao Senhor: “Senhor, o que acontece? Por que o ventre da VC é tão estéril?”. Ele nos convida a ter a atitude de Ana, aquela mulher do Antigo Testamento que rezava e pedia um filho: “Senhor, eu quero um filho”. Nós fomos convidados a rezar com esta intensidade, a reconhecer que nossas congregações, que a VC, precisam de filhos e filhas e estamos confiantes de que o Senhor é um Deus generoso e não quebra as suas promessas.

Com Maria, agradecemos ao Senhor por este Ano da VC que nos encheu de tanta esperança e alegria. A tarefa agora começa! Celebremos cada dia a nossa bela vocação e entremos neste mar da Misericórdia que é o coração do Pai. Que, como VC, deixemos transparecer esse amor no cotidiano de nossas vidas, esta paternidade de Deus através da ternura, do consolo, da proximidade, de uma saída em missão, habitada e movida pela vida dentro de nós, e assim sejamos *Patris confessio*. Que o mundo possa dizer ao ver a VC: “Creio em Deus Pai-Mãe que nos ama infinitamente, que sai ao nosso encontro, aproxima-se, comove-se e se envolve na nossa história”. Vamos rapidamente ao encontro da vida como Maria! Assim seja.

Mercedes Sanchez Leticia Casas, F.Sp.S.
Presidente da CLAR

O rosto misericordioso de Deus na experiência junto aos moradores de rua

Morei em Contagem-MG, participei, durante quatro anos, do encontro da Missão Urbana, realizado pela CRB, regional Belo Horizonte. Fiz parte da coordenação desse evento, tanto na parte de reflexão como na sua organização metodológica. O encontro sempre se iniciava aos sábados logo cedo e terminava no domingo de manhã, com a Eucaristia ao ar livre. À noite, após às 22 horas, em pequenos grupos, saíamos para a cidade ao encontro dos moradores de rua para uma experiência de aproximação, acolhida e escuta, culminando com um momento orante e de confraternização numa das praças centrais, com a presença de alguns moradores de rua. Eram homens, mulheres, jovens, pessoas de meia-idade e idosos. Uma pequenina parcela da Vida Religiosa Consagrada em missão junto aos excluídos que fazem da rua seu lugar de moradia.

Desde o primeiro encontro, cheguei perto de Cristina Bov, coordenadora da Pastoral Nacional de Rua, e perguntei o que eu precisava fazer para me integrar a esta Pastoral. Sentia um forte apelo de Deus para ir ao encontro dos moradores de rua e oferecer parte do meu tempo junto a eles. Cristina ouviu meu pedido, guardou silêncio por alguns dias e sua resposta foi provocativa, quando me disse: “Você poderia iniciar a Pastoral de Rua em Contagem ao invés de ingressar na de Belo Horizonte. O que acha dessa ideia?”. Num primeiro momento fiquei assustada pela minha falta de experiência, mas não hesitei e logo comecei a articular com outras Congregações, principalmente com comunidades formadoras e leigos/as. Dentro de um mês, organizamos um grupo com doze pessoas e iniciamos o trabalho, assessorados e acompanhados pela Pastoral de Rua de BH.

Durante o primeiro ano, nossa ação foi exclusivamente de aproximação. Em grupos de quatro pessoas saíamos para diferentes locais da cidade ao encontro dos moradores de rua. No primeiro momento não levávamos nada, a não ser a nossa presença desprovida de expectativas, com um pouco de receio diante do desconhecido, mas desejosos de aproximação, acolhida e escuta. As visitas aconteciam semanalmente e o grupo se reunia mensalmente para avaliar, planejar e celebrar a caminhada. Nesse tempo eu morava na casa de formação com outras irmãs e as jovens das etapas do Postulado e Noviciado. As formandas participavam integralmente dessa pastoral, que passou a fazer parte do processo formativo. A primeira grande surpresa de Deus para a nossa comunidade, logo que iniciamos as visitas, foi quando num determinado dia, bem cedinho, quando saía para ir à padaria, logo que abri o portão encontrei na calçada da nossa casa uma barraca e dentro dela um senhor dormindo. É claro, no mesmo dia fomos ao seu encontro e descobrimos seu nome. Algumas pessoas conhecidas vieram até nós e, nas trocas de palavras, descobrimos que o senhor, conhecido no bairro por “Lula”, já perambulava pelas ruas havia anos e que sua família residia no bairro vizinho. Incrível como o Lula até então era invisível aos nossos olhos. Desde esse momento, Lula se tornou o nosso vizinho mais próximo e com o passar do tempo começou a frequentar nossa casa, como um lugar onde ele se sentia bem recebido e acolhido para chegar, sentar à nossa mesa e falar de si. Conhecer o Lula, logo no início da Pastoral de Rua, em Contagem, foi um sinal forte de que Deus nos confirmava no caminho.

Voltando a falar sobre as visitas nas ruas, nossa presença era de forma gratuita. Chegávamos devagar, aproximávamos cumprimentando com muito respeito, pedindo licença para chegar mais perto, como se chega em qualquer casa, ou seja, você entra se o dono da casa lhe dá permissão. Cada aproximação era uma surpresa envolvente, pois éramos recebidos com muita reverência através do sorriso, aperto de mão, abraços, limpeza do papeltuits dtctpa

Impressionante era a alegria dos encontros que aconteciam nas ruas, nas noites de lua cheia, com cantorias, cirandas, parabéns e orações espontâneas. Não existiam dificuldades para sentarmos no chão das praças e marquises e ali escutarmos as longas, dolorosas e esperançosas histórias de vida que as pessoas carregavam em seu coração, marcadas nas diversas cicatrizes no corpo. Vínculos de irmandade e amizades foram criados e aprofundados através dos encontros, encaminhamentos e passeios. Medos, preconceitos, indiferenças foram dando lugar, cada vez mais, a aproximação, acolhida, respeito, escuta e descobertas do potencial criativo e de resistência em cada morador de rua. Vimos, de perto, que o povo da rua tem, sim, fome de pão, sede de água, mas, igualmente, fome de amor, de respeito, de dignidade e sede do infinito, do transcendente. Por muitas vezes escutamos: “Vocês são diferentes das tantas pessoas que passam por perto de nós e deixam marmitas, café com leite e pão, sopa, mas são incapazes de chegar perto de nós, não querem saber nossos nomes e quem somos. Vocês chegaram sem nada, trazendo vocês, nos valorizando e nos respeitando como gente”.

À medida que escutávamos as histórias de vida, confrontávamo-nos com a fragilidade humana e existencial em último grau, como se, humanamente falando, nosso último recurso para crer na força da vida tão esmagada e adormecida era a fé que carregávamos, alimentadas pela mística de que Deus brilha em cada pessoa. Nossa presença foi um pouco daquilo que nos recorda o profeta Isaías 42,2-3: “Não quebrar a cana que já está rachada, nem apagar o pavio que está para se apagar”. E pelo mistério da fé, da certeza de que Deus Trindade habita no mais profundo de cada pessoa, é que nosso olhar ultrapassava barreiras, nos transportava para além das aparências. Atrás de tantos corpos desfigurados, machucados, de ambientes desprezíveis, encontrávamos pessoas que tinham nome, histórias de vida carregadas de sonhos e desejos, que, devido às circunstâncias de vida e falta de oportunidades, “escolheram” a rua ou foram escolhidas por ela, como sua última opção, ou seja, quando

sentiram que mais nada restava-lhes para sobreviver, a rua, como moradia, foi seu acalento.

A experiência junto ao povo da rua foi nos ensinando a ser presença do rosto misericordioso de Deus. Falar do rosto misericordioso de Deus é falar de compaixão, acolhida, aproximação, descida, alegria, festa. É lembrar do Deus do êxodo que vê a miséria do povo, ouve seu clamor e desce para libertar, convocando-o a caminhar rumo à terra prometida, à libertação. Falar do rosto misericordioso de Deus é lembrar do Deus Trindade que revela, em Jesus Cristo, através de palavras e gestos, palavras e atitudes, a perfeita misericórdia, confirmada e autenticada em cada ser humano que, pela força e dinamismo do Espírito Santo, é convocado a ser e viver a misericórdia. Entre o povo da rua, à sua modalidade, constatamos várias vezes a presença de gestos de solidariedade, comunhão, partilha, fé e credibilidade na vida. Quantas vezes em meio a conflitos, brigas, desavenças, sempre havia aquela pessoa que usava de misericórdia para com o seu próximo, socorrendo-o em alguma necessidade. Lembro-me de uma cena que me marcou profundamente e nunca saiu do meu coração: uma vez, tarde da noite, numa praça movimentada, uma pessoa do grupo passava mal e não conseguia andar. A líder do grupo chegou até mim dizendo que eu era a única pessoa que poderia socorrer o homem, levando-o de carro até o local onde estava a maloca do grupo (casa). Acontece que ele não conseguia andar, era pesado para ser carregado. Uma pessoa do grupo, talvez o mais jovem e chamado de “Louquinho”, foi até um posto de gasolina para tentar arrumar um pedaço de pau que servisse de bengala. Chegou alegre dizendo que tinha deixado penhorado, no posto de gasolina, seu celular e que só teria de volta quando devolvesse o cabo de vassoura. Esse gesto calou fundo no meu ser. Fiquei pensando na capacidade do “Louquinho” de dar tudo que tinha naquele momento para ajudar seu irmão de rua. Tanto o seu gesto como o meu de colocar no carro aquele senhor necessitado e prestar-lhe socorro diante da dor marcaram-lhe profundamente a vida. Várias vezes ele chegou perto de mim para agradecer e

reconhecer que foi tratado como gente, com muito carinho e atenção. Esse gesto despertou nele a iniciativa para uma maior aproximação e o desejo de mudança. Abriu seu coração para falar de si, da sua história marcada por dor, traição e aventuras desordenadas.

Outra experiência agregada em minha bagagem humano-espiritual foi com um jovem que conheci na rua bem antes de ele ser pai, ainda com seus 16 anos de idade. O lugar da sua permanência era na calçada de um hospital público, inclusive, o único que acolhia, mais ou menos, o povo da rua, quando necessitava da emergência por algum motivo. Esse pai descobriu que seu filhinho com menos de um ano de idade estava internado e não passava bem. Logo que cheguei, ele veio me contar a história, implorando-me para que eu conversasse no hospital e entrasse com ele para visitar seu filho que só tinha visto quando nascera. Após a liberação do hospital, entramos para visitar seu filho. Ao chegar no quarto onde se encontrava o menino, esse pai ficou perplexo, não conteve a emoção e chorou... chorou, abraçou-me e disse: “Foi a melhor coisa que uma pessoa poderia ter feito por mim... Se não fosse você, não teria visto meu filho”. Cada vez que ele me encontrava, era uma alegria, parecia festa em seu coração.

Um grupo de mais ou menos oito pessoas, mulheres e homens de diferentes idades, visitados semanalmente por nós, formandas e eu, convidava-nos para rezar e cantar com eles cada vez que chegávamos. Num dado momento, propusemos realizar um café da manhã e rezar com eles uma vez por semana, todas as terças-feiras. Uma experiência inédita para nós da comunidade do noviciado que, nesse dia da semana, transportava nossa capela para o chão da realidade do povo da rua, de pessoas que faziam parte da nossa vida missionária. Quando chegávamos no grupo, o ambiente estava preparado para nos acolher. Após tomar o café, era hora de ler e partilhar a Palavra de Deus, recheada de música ao som do violão tocado por uma noviça. Esse lugar era na calçada onde transitava muita gente que ia e vinha da estação do trem. Algumas paravam e olhavam

rapidamente, outras paravam e ficavam por alguns minutos, a maioria nem parava e umas tantas olhavam com maus olhos. Quantas falas bonitas de gratidão e reconhecimento a nós, enquanto pessoas que não tinham medo nem vergonha de estar no meio deles.

Nossa presença entre o povo da rua, antes de qualquer outra coisa, era de SER.

SER irmã que aproxima, acolhe, escuta e interage... cria vínculos.

SER voz das palavras caladas e ensurdecidas pela opressão e descaso da maioria das pessoas, da sociedade, das igrejas.

SER a visibilidade da vida que grita por dignidade e reconhecimento dos direitos negados por uma sociedade cruel que, em nome das praças bonitas e cidades limpas, deseja esconder, jogar para bem longe pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus, vítimas do sistema econômico que coloca o mercado acima dos direitos humanos.

SER expressão do rosto misericordioso do Pai que acolhe, sente compaixão, aproxima, vê com o coração, compartilha a vida, celebra conquistas, eterniza gestos de afetos e bem querer.

O ter algo e o fazer alguma coisa junto ao povo da rua sempre foi consequência do nosso SER presença envolvente com as pessoas.

É possível afirmar que tudo que proporcionamos com atividades, encaminhamentos quanto a documentos, saúde, moradia, alimentação, nada disso falou mais forte do que a experiência de SER presença amorosa, revelando com gestos de acolhida, respeito à dignidade de cada pessoa, o rosto misericordioso de Deus Trindade que faz sua morada no coração humano. Nessa experiência descobrimos um jeito novo de glorificar a Trindade presente e atuante na dinâmica da vida do povo da rua.

O jeito de ser junto ao povo da rua, através da Pastoral, ganhou força e visibilidade, em Contagem, graças ao trabalho amoroso e dedicado de várias pessoas. Ela conquistou um espaço importante no poder público, assumindo

todo o serviço de abordagem de rua, coordenado por mim nos anos de 2010 a 2013. Foi uma experiência de muito aprendizado, caminhando, muitas vezes, na contramão, mas de acordo com o que acreditávamos; testemunhando, nos locais onde a burocracia e os números falavam mais forte, o amor de Deus que vê a pessoa, quer vida plena e se rejubila com cada um que está à margem e é reintegrado em sua dignidade.

Hoje, a Pastoral de Rua, em Contagem, continua com outras tantas pessoas comprometidas. Eu estou morando no Rio de Janeiro, em nossa Casa Geral, assumindo o Econo-
mato. Ao redor da nossa casa muitos moradores de rua. É impossível, neste ano da misericórdia, não deixar o coração arder pelos apelos de Deus que acontecem através dos gemidos e gritos desses nossos irmãos. Assumimos como comunidade da Casa Central iniciar as visitas de aproximação. Com certeza, eles nos ajudarão a ser mais misericordiosas.

Ir. Silvânia Aparecida Pereira Coelho*

*** Ir. Silvânia Aparecida Pereira Coelho**

é serva da Santíssima Trindade, psicóloga, conselheira geral e, atualmente, atua como ecônoma geral. **Endereço da autora:** Rua Barão do Bom Retiro, 559 – Bairro Engenho Novo – CEP: 20715002 – Rio de Janeiro-RJ.

Beata Lindalva Justo de Oliveira

Lindalva Justo de Oliveira nasceu no dia 20 de outubro de 1953, no Sítio Malhada da Areia, no município de Assu, no Rio Grande do Norte. Filha do segundo matrimônio do agricultor João Justo da Fé – viúvo com três filhos – com a jovem Maria Lúcia da Fé. Lindalva foi a sexta, dos treze filhos do casal.

Foi batizada no dia 7 de janeiro de 1954, na Capela de Olho D'Água, da Paróquia de São João Batista, pelo Monsenhor Júlio Alves Bezerra.

Em 1961 a família mudou-se para a sede do município de Assu, para possibilitar o estudo regular dos filhos. João e Maria adquiriram uma casa e nela se estabeleceram.

Educada e orientada pelos pais na prática da piedade, da devoção e da caridade, manifestou precocemente sua inclinação para a vida de oração e caridade, demonstrando desde cedo sensibilidade para com as necessidades dos pobres. Um dia, para surpresa de todos, ela ofereceu todas as suas roupas a uma pessoa pobre.

Aos 12 anos realizou o grande desejo de receber Jesus na Primeira Comunhão. Foi o primeiro encontro com aquele que se tornaria a razão de ser de sua existência e por quem ela não hesitaria em derramar cada gota de seu sangue para provar seu amor e sua fidelidade.

Desde muito jovem, teve a preocupação de auxiliar os outros e passou sua adolescência ajudando a cuidar dos sobrinhos, irmãos mais novos, e não deixava sem uma presença as pessoas idosas e doentes da vizinhança.

Lindalva transferiu-se para Natal para continuar os estudos. Passou a residir com a família de seu irmão Djalma. Em

1979, concluiu o ensino médio na Escola Helvécio Dahe. Cooperava na educação de seus sobrinhos e nos afazeres da casa.

De 1978 a 1988, trabalhou em algumas empresas. O dinheiro que ganhava, enviava à família em Assu, ficando com pouco para o seu uso pessoal.

Nos anos que morou em Natal, frequentou a casa das Irmãs de Caridade e trabalhou como voluntária no Instituto Juvino Barreto, uma casa que acolhe pessoas idosas.

Em 1982 seu pai faleceu de câncer no abdome, tendo a assistência de Lindalva nos últimos meses de vida. Após a morte do pai, iniciou um curso de técnica em enfermagem e, como gostava de música, fez também um curso de violão.

As Irmãs notaram sua natural propensão a ajudar. Era tomada de sincera alegria quando servia os anciãos e exortava aqueles que os serviam a fazê-lo com genuíno amor.

Em 1986 começou a participar do grupo vocacional das Filhas da Caridade, iniciando o seu processo de discernimento vocacional à Vida Religiosa. No dia 28 de novembro de 1987, recebeu o Sacramento da Crisma das mãos de Dom Nivaldo Monte, arcebispo de Natal. No dia 28 de dezembro do mesmo ano recebeu carta da Irmã Provincial das Filhas da Caridade, aceitando-a ao postulante, etapa que antecede à entrada ao noviciado da Congregação.

Lindalva iniciou seu postulante no dia 11 de fevereiro de 1988, em Recife, na Casa Provincial das Irmãs da Caridade.

No dia 3 de junho de 1989, pediu seu ingresso no noviciado “com o mais profundo ideal de servir a Cristo nos pobres”.

No dia 16 de julho de 1989, dia de Nossa Senhora do Carmo, Lindalva e outras cinco Irmãs iniciaram o noviciado em Recife. No dia 29 de janeiro de 1991, Irmã Lindalva é enviada para a Bahia, onde passa a trabalhar no Abrigo Dom Pedro II, no bairro de Roma, na cidade baixa, em Salvador. Esta Instituição, fundada em 1887, presta assistência a idosos empobrecidos. Irmã Lindalva é destinada a um pavilhão que atende a 40 anciãos.

Todos os testemunhos colhidos para o processo de beatificação falam de sua simplicidade, cordialidade e a alegria com que tratava a todos, realizando serviços simples e humildes para os idosos internos.

Em janeiro de 1993, por recomendação, o abrigo teve que acolher entre os anciãos Augusto da Silva Peixoto, homem de 46 anos, que não tinha direito de ser interno, em virtude de sua idade. Ele passou a assediar Ir. Lindalva e tornou-se insistente e inconveniente. A religiosa, com medo, procurou afastar-se o mais que pôde de Augusto. Narrou a situação a outras Irmãs e intensificou sua vida de oração. Seu amor aos idosos a manteve no abrigo, e ela chegou a confidenciar a uma coirmã: “Prefiro que meu sangue seja derramado do que afastar-me daqui”.

Os internos repreendem Augusto e insistem para que Irmã Lindalva relate o fato ao diretor do serviço social do abrigo. No dia 30 de março, a funcionária Margarita Maria Silva de Azevedo repreende Augusto, que, no dia 5 de abril, Segunda-Feira Santa, dirigiu-se à Feira de São Joaquim e comprou uma faca peixeira, que amolou ao chegar ao abrigo.

Capela das Relíquias da Beata Lindalva

No amanhecer do dia 9 de abril, Sexta-Feira Santa, Irmã Lindalva participou da via-sacra, na Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem. Ao regressar, subiu para preparar o café dos idosos. Entretida com este serviço, não percebeu que Augusto se aproximava. Foi surpreendida com um toque no ombro. Ao virar-se, recebeu os golpes que lhe tiraram a vida. Um senhor ainda tentou intervir; mas Augusto ameaçou de morte quem ousasse se aproximar. Após o crime, o assassino foi esperar a polícia sentado em um banco, na frente do abrigo.

Os médicos legistas identificaram 44 perfurações no corpo da religiosa. Imediatamente seu assassinato foi identificado pela comunidade católica como martírio: “À Irmã Lindalva, bastaram-lhe poucos anos de vida religiosa para coroá-la com o martírio da vida, se não *in odium dei*, certamente

como prova de grande amor a Deus e aos irmãos [...]. As Irmãs do Abrigo bem podem conservar como relíquias o hábito religioso tingido do sangue generoso. E, por que não, o cutelo que serviu para o sacrifício?” (Lucas Moreira Neves, Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil).

A Igreja reconheceu a sua morte como Martírio e a beatificou no dia 5 de dezembro de 2007, em Salvador, BA, local do martírio.

No dia 6 de abril de 2014, suas relíquias foram solenemente transferidas do Abrigo Dom Pedro II, onde trabalhou e sofreu o martírio, para o Colégio Nossa Senhora do Salette, onde atuam as Filhas da Caridade.¹ Ali os alunos e demais cristãos poderão respeitosamente venerar suas relíquias e aprender com ela simplicidade, doação, zelo e a verdadeira caridade. Ao nos propor a devoção aos santos, a Igreja espera que vejamos em seu exemplo um estímulo a trabalhar pela nossa santidade, e, se tivermos fé, Deus em sua bondade e misericórdia poderá nos conceder muitos favores e mesmo verdadeiros milagres que a medicina nunca conseguirá explicar.

Irmã Maria de Fátima do Nascimento, FC

1 A capela contendo as relíquias da Beata Lindalva se tornou, desde 2014, um importante centro de peregrinação e pode ser visitado neste endereço: Instituto Nossa Senhora do Salette, Rua do Salette, 47 – Barris-Salvador – BA. CEP: 40070-200. Fone: (00**71) 3328-6091. Para comunicar graças alcançadas pela Beata Lindalva, favor procurar: Cúria Provincial das Filhas da Caridade – Rua Henrique Dias, 208 – Boa Vista – CEP 50070-140 – Recife-PE – Tel.: (81) 4009-9609 ou 4009-9600. E-mail: aspvr-sec@veloxmail.com.br – Informações com Irmã Maria Edvânia da Silva.

Congresso Internacional de Educação Católica

Por ocasião do 50º aniversário da Declaração Universal do Conselho Vaticano *Gravissimum Educationis* e do 25º aniversário da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, a Congregação para a Educação Católica realizou, entre os dias 17 e 20 de novembro de 2015, o Congresso Mundial de Educação Católica, em Roma. O tema do congresso foi “Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova”.

Segue a transcrição do resumo oficial do evento apresentada por Pe. Aguado.

Uma síntese conclusiva do Congresso

Um agradecimento a todos os participantes. Procurando convocar-nos mutuamente a continuar trabalhando para que a educação seja verdadeiramente um bem compartilhado por todas as crianças e jovens do mundo, oferecemos uma síntese conclusiva de nosso Congresso Internacional de Educação Católica.

Temos vivido em Roma dias intensos. Renovamos a nossa convicção de que a educação católica, enraizada na profunda relação entre a experiência, a fé e a missão educativa, que é fundamentada numa identidade ligada às suas origens e ao melhor de sua própria história, está criando raízes para dar o melhor de si mesma como resposta às profundas necessidades de vida, plenitude e sentido dos homens e das mulheres de hoje. Esta síntese articula-se em quatro contribuições, que não excluem as múltiplas colaborações desse congresso, mas que podem ajudar a compreender o essencial. Em cada uma delas, estão presentes, como foco, os destinatários de

nossa missão educativa: as crianças, os adolescentes e os jovens que Deus colocou em nosso caminho.

Ponto 1 – Identidade e missão

As duas dimensões estão absolutamente unidas. A missão expressa a identidade e esta garante a missão. Por isso, a declaração conciliar *Gravissimum Educationis* (http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html), assim como a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, de João Paulo II (<http://www.pucpr.br/arquivosUpload/5384567371425930038.pdf>), têm como tema central a Universidade Católica. No centro da reflexão do Congresso nestes dias está a questão da identidade e da missão das instituições educativas católicas. Em nosso congresso, tem-se colocado um novo cenário, muito diferente dos últimos 50 anos. Atualmente, volta-se a confirmar a convicção de que existe um vínculo estreito entre a identidade e a missão de nossas instituições educativas, escolas e universidades. Esse ponto representa um vínculo que se fundamenta no sentido próprio da educação católica, expressão da maternal solicitude da Igreja ao Homem. Aquele Homem, aquele que Cristo quer encontrar e salvar. Isto é o que deve acontecer sempre em nossas instituições educativas, que são lugares decisivos em que se desenvolve grande parte da formação humana das novas gerações. É a perspectiva em que as instituições católicas estão chamadas a refletir sobre o papel decisivo que a educação católica pode desempenhar no contexto da evangelização, e sobre sua corresponsabilidade eclesial nessa tarefa.

Prosseguimos conscientes do que dizia o Papa Francisco, de que o trabalho educativo é uma missão-chave, chave, chave. Por conseguinte, em lugar de assumir atitudes meramente reativas, como a razão defensiva da sociedade secularizada que alimenta valores como o individualismo competitivo e que legitima, melhor dizendo, acrescenta as desigualdades que parecem desafiar a educação nos seus valores reais profundos, como a primazia da pessoa, o valor

da comunidade, a busca do bem comum e o cuidado com a fragilidade e a inquietude pelos últimos, a cooperação, a solidariedade, as escolas e as comunidades católicas são chamadas a assumir atitudes proativas para reafirmar o valor da pessoa, superando a indiscutível exaltação do progresso e da utilidade como medida de todas as soluções, da eficiência, da competitividade individualista e do êxito a todo custo. Isso nos desafia profundamente, porque nós sempre somos conscientes dessas questões e não articulamos adequadamente nossa relação de identidade e missão. A relação entre ambas é a alma da educação católica, que só é possível se é encarnada por pessoas, instituições e comunidades convencidas da importância desses aspectos. A identidade exige um processo de identificação e a missão necessita ser vivida de modo apaixonado. Assim tem sido sempre. Assim viveram nossos fundadores e fundadoras. Assim somos chamados a viver hoje, pelo bem das crianças, dos jovens e dos pobres.

Ponto 2 – Sujeitos que interagem com a educação católica

No amplo e articulado horizonte das instituições educativas católicas, atua uma pluralidade de sujeitos, com identidade, funções e papéis diferentes e, às vezes, complementares: os estudantes, suas famílias, os docentes, os leigos, os religiosos, o pessoal com funções administrativas e outras tantas pessoas. O que caracteriza de maneira peculiar a presença e a ação dessa pluralidade em uma escola, em uma universidade católica, é a constituição de uma comunidade. Nesse sentido, podemos afirmar algumas condições bem claras. Em primeiro lugar, todos somos chamados a crer na educação católica e contribuir com ela. Crer não só de modo teórico, mas de modo comprometido. Acreditar de uma maneira que nos entreguemos àquilo que cremos. Ou seja, contribuir para criar um contexto de corresponsabilidade. O bispo, o padre, a congregação religiosa, o professor, os leigos, o pai de família, o aluno, o ex-aluno, cada um sabe com o que deve cooperar. Se todos não agem dessa forma, o projeto se debilita. Por isso, em segundo lugar,

devemos destacar que todos os sujeitos que participam da educação católica são chamados a criar, sustentar e desenvolver a comunidade cristã referencial da escola, enriquecida com o carisma próprio de cada congregação, quando estas estiverem presentes à frente das instituições de educação. Somente sob esta perspectiva podemos trabalhar pela sustentabilidade integral da educação católica. A educação católica não se sustenta só porque possui recursos, se é que os possui, mas porque tem educadores identificados, porque tem um projeto claro, porque tem a capacidade de convocar outras pessoas, porque tem seu lugar na Igreja e na sociedade. Em definitivo, porque tem horizonte de qualidade de identidade e de missão.

Ponto 3 – Formação de formadores

Encontramos, neste espaço, no terceiro dos grandes núcleos que apareceram com clareza neste congresso: a formação de formadores. Para poder se propor como instrumento de educação integral da pessoa, a comunidade de uma instituição educativa católica deve ser constituída por docentes munidos não só com o conhecimento disciplinar e competência profissional que exige autonomia, mas também com a capacidade de fazer projetos e avaliá-los, com a capacidade de criação, com a competitividade, com a abertura ao novo e com o interesse sincero pela investigação e pela experimentação. Além desses aspectos, que sejam conscientes de seus papéis como educadores, de sua verdadeira identidade. Que sintam a exigência de amar o serviço cultural, a favor da sociedade, realizando-o com convicção e compromisso. E, nesse renovado compromisso da formação de docentes, vai implícito um fecundo chamamento de fidelidade com a tradição e a história multissecular das escolas e universidades católicas.

A numerosa multidão de fundadores e fundadoras das instituições educativas católicas, da comunidade e de suas famílias religiosas, que se constituíram ao seu redor, tem prestado atenção sempre à formação dos educadores, dedicando suas melhores energias a essa tarefa. Por isso, esta é uma das

grandes preocupações da educação católica, mas também representa uma grande oportunidade. Os trabalhos prévios ao congresso e os fecundos diálogos mantidos ao longo destes intensos dias colocaram claramente que a formação integral dos docentes, inspirada na identidade da educação católica, nem sempre está adequadamente preparada nem priorizada. E nunca devemos esquecer, nunca, que todas as pessoas que trabalham nas escolas católicas, os agentes pastorais, os educadores, devem estar comprometidos com este desafio. Somos conscientes de que está emergindo uma etapa nova, que somente será portadora de vida e de renovação, se estiver baseada numa crescente e qualificada formação de todos os agentes educadores que fazem o possível nessas escolas e universidades. Dessa maneira, poderão ser portadores do tesouro que recebemos e do qual somos custódios e responsáveis: a educação católica para as novas gerações.

Ponto 4 – Grandes desafios

Nosso congresso deixou claro muitos desafios. E isso é bom. A educação católica tem vida. Coloca perguntas. Busca respostas. Os grandes desafios da educação que hoje interpelam as escolas e universidades católicas no mundo não provêm somente da sociedade multicultural. Estas instituições podem reconduzir-se a partir de uma matriz comum e promover um percurso de educação integral aos jovens, confiando seu cuidado e guia a uma comunidade educadora que evangelize, em que se possa expressar, de maneira viva e vital, a identidade da instituição educativa. A título de exemplo, apresentamos três grandes desafios:

- 1) A educação integral, que se refere aos pilares da antropologia e da pedagogia cristãs e que se faz efetiva na promoção, no desenvolvimento pessoal do estudante e na integração de todas as suas dimensões.
- 2) O desafio de formação na fé. Um desafio que toca num ponto específico, intrinsecamente unido à identidade católica de uma instituição educativa que, por sua plena subjetividade eclesial, assume a forma de uma comunidade de fé. A educação católica é uma plataforma privilegiada

no conjunto da missão evangelizadora. Uma escola é uma escola. Uma universidade é uma universidade. E servem na tarefa educativa. Porém, mais que isso, uma escola católica precisa promover a educação na perspectiva católica e servir à evangelização, porque evangeliza a cultura e relaciona os valores e a educação em si mesma.

- 3) O desafio da periferia, dos pobres e das novas pobreza, que deve continuar sendo um ponto de referência privilegiado e, em certa medida, critério de orientação compartilhado por todos. Recordemos, com devoção, o veículo do Concílio Vaticano II, no número IX, do *Gravissimum Educationis momentum*. O Santo Concílio convoca encarecidamente os pastores da Igreja e todos os fiéis para que ajudem, sem poupar sacrifícios, as escolas católicas no melhor progresso e cumprimento de seus prometidos e, antes de tudo, em atender às necessidades dos pobres, dos que seguem privados de ajuda e do afeto da família, ou que não participam do dom de fé.

Conclusão

Desejamos terminar esta síntese do congresso citando algumas palavras do Papa Francisco em sua audiência à plenária da congregação para a educação católica, em fevereiro de 2014. Escutemos como ele se dirigiu a nós. Assim falou o Santo Papa:

A educação é uma grande obra em construção, em que a Igreja está presente desde sempre com instituições e projetos próprios. É preciso incentivar ulteriormente este compromisso em todos os níveis e renovar a tarefa de todas as pessoas que nela atuam, desde a perspectiva da nova evangelização. E, nesse horizonte, dou-lhes graças por todo vosso trabalho e invoco a intervenção da Virgem Maria e a constante ajuda do Espírito Santo sobre vocês e sobre suas iniciativas.

Pedimos, pois, a bênção do Senhor para todos os que tornam possível a educação católica no mundo e, de modo

392

especial, a todas as crianças e jovens a quem servimos. Que Maria Santíssima, mãe e educadora do Senhor, seja nossa intercessora e mediadora. Amém!

Pe. Aguado

Tradução preliminar: Vilma Souza

Revisão preliminar: Fernando Serra

O acompanhamento tem sido uma das preocupações das instituições nas últimas décadas. Cada vez mais elas percebem a necessidade de acompanhar adequadamente os seus colaboradores para que desempenhem melhor as suas funções. Uma evidência dessa preocupação é a multiplicação do *couching*. Na Vida Religiosa Consagrada temos visto algo semelhante. É um tema recorrente na agenda das Congregações Religiosas. A grande preocupação é como ajudar as pessoas a viverem de forma mais livre e integrada sua vida e desempenhar melhor sua missão.

Considerando o contexto anteriormente descrito, não surpreende que na Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, o Papa Francisco destaque a importância do acompanhamento pessoal nos processos de crescimento (EG 169-173). Analisando a civilização atual, o Sumo Pontífice constata que existe uma situação paradoxal. Por um lado, vivemos numa sociedade ferida pelo anonimato; por outro, existe uma quase obsessão pelos detalhes da vida alheia. Diante dessa curiosidade mórbida, quem acompanha pessoas tem a missão de “tornar presente a fragrância da presença solidária de Jesus e o seu olhar pessoal” (EG 169). Diante da terra sagrada do outro é necessário descalçar as sandálias e aprender a “arte do acompanhamento”. Considerando a Exortação Apostólica no seu conjunto, podemos identificar alguns objetivos, elementos de caráter pedagógico e princípios éticos para o acompanhamento.

Objetivos do acompanhamento

O acompanhamento, segundo Francisco, tem a finalidade de ajudar a pessoa a caminhar em direção à verdadeira liberdade. Somente pessoas livres podem alcançar convicções claras e objetivas para tomar decisões verdadeiramente responsáveis. O acompanhamento possibilita abrir novos horizontes e favorecer o itinerário da pessoa no seu amadurecimento pessoal.

Pedagogia do acompanhamento

Está muito claro para o Papa Francisco que o acompanhamento requer processos que muitas vezes podem ser duros, difíceis e demorados (EG 24). A arte do acompanhamento exige respeito, prudência e paciência. Não deve deter-se diante de bloqueios ou limitações. É importante encontrar mediações que possibilitem abrir novos horizontes. Muitas vezes aparece o joio no meio do trigo. Nesse momento é importante não perder a paz e ampliar os horizontes para encontrar novas perspectivas. O acompanhamento deve ter um ritmo salutar, caracterizado pela proximidade, respeito e compaixão; mas, ao mesmo tempo, ajudar a sair de confusões, favorecer a superação de obstáculos, crescer na liberdade e amadurecer em todas as dimensões.

A Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho” propõe quatro passos metodológicos para que o acompanhamento seja uma experiência significativa do ponto de vista evangélico. O primeiro passo é escutar. Escutar é muito mais do que ouvir. Provavelmente é uma das artes mais difíceis. É necessário sair da condição de espectador e estabelecer uma verdadeira relação de ajuda. O segundo passo é ajudar a encontrar caminhos de crescimento que sejam progressivos, desafiadores e integradores da vida. A ênfase no segundo passo está no “ajudar”. Não se trata de impor, mas de construir através do diálogo e da interação. O terceiro passo é favorecer que o acompanhado se aproprie dos caminhos de crescimento com liberdade e autonomia. E finalmente

o quarto e último passo metodológico é acompanhar para que as decisões sejam verdadeiramente livres e responsáveis, evitando desvios de rota e subterfúgios.

No final da Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, o Papa Francisco propõe alguns princípios derivados da Doutrina Social da Igreja que também podem iluminar os processos de acompanhamento. O Sumo Pontífice fala da prioridade do tempo em relação aos espaços de poder (EG 223). Por isso, é fundamental iniciar processos. Gerar convicções claras e objetivas exige tempo. É necessário resistir e superar ganhos fáceis, rápidos e efêmeros. A estrada longa evita misturar o joio com trigo e possibilita abrir novos horizontes. Outro princípio enunciado pelo Papa Francisco é que a “unidade é maior que o conflito”. Configurar um estilo de vida exige superar conflitos e tensões para alcançar uma unidade que gera vida nova (EG 228). O terceiro princípio enunciado afirma que a realidade é mais importante do que a ideia. As elaborações conceptuais existem para compreender a realidade. A desconexão das ideias com a realidade pode gerar perspectivas irrealistas, terreno fértil para criar falsas expectativas. Por isso, é tão importante, durante o processo de acompanhamento, ouvir o interlocutor para que ele possa expressar o que sente, percebe e pensa. O quarto e último princípio, enunciado pelo Sumo Pontífice, é que o todo é superior à parte. É preciso prestar atenção ao todo para não enfatizar além da medida determinados aspectos particulares. Sem evadir-se das situações pontuais, é preciso alargar o olhar para ver o todo e poder situá-lo adequadamente no conjunto (EG 235).

Ética do acompanhamento

Acompanhar pessoas significa normalmente ter acesso a informações de caráter sigiloso. Quando essas informações não permanecem restritas ao âmbito do acompanhamento, os danos causados podem ser irreversíveis. Para que se estabeleça uma verdadeira relação de confiança no acompanhamento é fundamental a dimensão ética. Existem compromissos recíprocos. Para quem busca ajuda a sinceridade

é imprescindível. Sem abertura para partilhar as questões existências mais relevantes, o acompanhamento não passa de um jogo inócuo de palavras. Para quem acompanha, afirma o Sumo Pontífice, é indispensável aprender a descalçar as sandálias diante da terra sagrada do outro (EG 169). Será necessário reconhecer a maldade objetiva das ações humanas, mas sem proferir juízos sobre a sua responsabilidade e culpabilidade. Os moralismos são uma das piores tentações.

Acompanhamento e missão

Considerando a relação de Paulo com Timóteo e Tito, o Papa Francisco afirma que o autêntico acompanhamento começa e prossegue no âmbito da missão. Além de confiar a Timóteo e Tito uma missão, Paulo dá-lhes critérios para a vida pessoal e as atividades pastorais. O acompanhamento realizado por Paulo é típico do discípulo missionário, bem distinto de uma perspectiva intimista ou autorreferencial. É importante observar que o acompanhamento proposto integra vida pessoal e missão.

Concluindo

Ao sintetizar em poucas palavras a riqueza da proposta do acompanhamento da Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho” do Papa Francisco, não podemos esquecer o seu contexto. Ninguém pode ficar excluído da alegria do Evangelho, afirma o Sumo Pontífice. Por isso, é necessária uma Igreja decididamente missionária, uma Igreja em saída, em direção às periferias existenciais da humanidade. Para que esse dinamismo eclesial seja tangível, o Papa Francisco propõe algumas diretrizes para encorajar e orientar a Igreja em uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo (EG 17). O ardor e o dinamismo dos discípulos missionários dependerão, entre outros fatores, de um bom e qualificado acompanhamento.

Ir. Edgar Genuino Nicodem, FSC*

* **Ir. Edgar Genuino Nicodem** é religioso da Congregação dos Irmãos Lassaletas. Nasceu em 1959, em Itapiranga-SC. É bacharel em Teologia e mestre em Teologia Moral. Atualmente é Provincial da Província La Salle Brasil – Chile. **Endereço do autor:** Rua Honório Silveira Dias, 636 – Bairro São João – CEP 90550-150 – Porto Alegre-RS.

Instituição, poder e gestão colegiada: dialogando com o Papa Francisco

397

WILLIAM CESAR CASTILHO PEREIRA¹

1. Introdução

O ser humano é um ser histórico que vai articulando suas escolhas livres ao longo do tempo. Em certo sentido, *não nasce pessoa, mas vai se tornando pessoa*, humanizando-se, a partir da relação com o outro. Por isso, a educação religiosa é um processo lento, repleto de marchas e contramarchas. Não há receitas. Ninguém pensa que vai receber um mapa com um caminho já traçado. O processo de educação é sempre um desafio à paciência histórica, à determinação e ao conhecimento da realidade institucional. Todo processo educacional ocorre em instituições: a família, a escola, o trabalho, o Estado, o sistema jurídico, os meios de comunicação, os movimentos sociais e a Igreja. Isso nos leva a perguntar: o que é uma instituição?

2. Instituição

A instituição é uma instância imaginária, que vai além de seu espaço aparente ou manifesto. Reúne saberes que permitem, a todo tempo, diagramar as relações sociais, organizar espaços, fixar e recortar limites. Essa tipologia institucional será mantida e sustentada em todos os níveis, do Estado à família, dessa à Igreja, à escola, às relações de trabalho, ao sistema jurídico, à saúde, à cultura e ao lazer, aos meios de comunicação etc. Há um risco muito grande de as instituições se sentirem capturadas pelos interesses de grupos sociais hegemônicos e do poder do Estado.

1 William Cesar Castilho Pereira

é doutor pela UFRJ. Professor emérito da PUC-MINAS. Psicólogo clínico e Analista Institucional. Assessor *Ad Hoc* do Departamento de Vocações e Ministérios do CELAM. Organizador dos livros: *Análise Institucional na vida religiosa consagrada e Na trama da rede social*. Autor de: *Dinâmica de grupos populares; Uma escola no fundo do quintal; Associação de pais e mestres; Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria, método e prática; Formação religiosa em questão; O adoecer psíquico do subproletariado*, e do mais recente livro: *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*.

Os equipamentos burocráticos ou aparelhos ideológicos do Estado são inventados visando à manutenção e sustentação da ideologia dos grupos dominantes e à produção de subjetividades hegemônicas. As instituições, organizações e seus estabelecimentos atuam como aparato de captura de todos os processos de subjetivação singulares, impondo-lhes seu modelo totalizador. Realizam essa apreensão da subjetividade através da produção de enunciados, da centralidade do poder, do saber, do dinheiro, do prestígio e da disseminação da culpa infantilizada.

A vida dos grupos religiosos é também uma instituição. Enquanto instituição, é um conjunto de tradições, constituições e regulamentos, convenções, acordos, atividades, programas, dentro da estrutura hierárquica, administrativa e jurídica que perpassam a vida milenar da sociedade. É também o sistema de prescrições, desejos e proibições ideológicas que deverá ser introjetado pelos participantes para ser seguido ou abolido. Mas, quando são analisados, oferecem a criação do diferente e singular. Assim, nasce uma nova paixão. Aliás, nada se faz sem grande paixão. Instituições que não sonham e não apostam na utopia estão à beira da morte.

Por que nos instituímos?

Por que nos instituímos? Ou melhor: por que os dispositivos humanos, desde o Estado-nação, passando pelo exército, pela família, pela linguagem, pelo sistema jurídico, pela Igreja, pela relação de trabalho e – por que não? – pela Vida Religiosa Consagrada, se organizam em instituições? Essa é uma lei geral, presente em qualquer processo civilizatório, pretérito ou contemporâneo. A história mostra que estamos condenados à instituição, tanto quanto o estamos, segundo Sartre, à liberdade.

Acontece que nós, os humanos, somos fratura, somos ruptura, somos salto qualitativo da natureza para a cultura. Somos mistério. Somos exilados de nossa condição biológica e da lei cósmica que a preside. Perdemos os instintos, no bom e honrado sentido animal da palavra. Somos, sim, animais, mas animais políticos – *zoon politikon*.

O animal, através do instinto, obedece, integralmente, à relojoaria cósmica. Ele não se extravai, não erra – não tem errância. O animal traz consigo, pronto, o mapa da mina. Sua certeza vem avalizada por milhões e milhões de anos. O instinto é ileso à dúvida. O ser humano é produtor de cultura. Eterno peregrino.

A cultura é um esforço humano para lançar pontes sobre o abismo. É preciso criar e produzir novos caminhos, a partir da falta, da errância e dos equívocos.

Assim, em todas as instituições, presenciamos os atravessamentos com seus inevitáveis sintomas: independência e dependência, autonomia e submissão, liberdade e recalçamento, consciência e alienação, democracia e autoritarismo, autogestão e centralização, transcendência e imanência, e muitos outros.

Os seres falantes criam e desejam as instituições, visando à diminuição do estado de desamparo, a angústia, inerente à condição humana. A instituição é *um mal necessário* e, portanto, *um bem*. Se a instituição é *um mal necessário*, ela implica, necessariamente, um conhecimento de opções. Nessa medida, e a partir da definição considerada, ela é um passo à frente no sentido da liberdade e, portanto, constitui um bem, já que aponta para a liberdade, bem supremo, a experiência de Deus – a Utopia Ativa. Espera-se que as instituições criem estruturas razoáveis de apoio para diminuir e apaziguar as sensações de caos absoluto e destrutividade das relações solidárias.

Assim, por exemplo, a instituição da religião pode produzir sentidos de comunidade, de fraternidade, da vida e da morte, e orientar as escolhas éticas; os mitos explicam e fundamentam as interdições necessárias à manutenção do laço social: os antepassados detêm um saber a ser transmitido de geração a geração. Assim, a prática religiosa proporciona a experiência de Deus. Para os que creem, o nome de Deus é amor, amparo, apaziguamento das amarguras, consolo do sofrimento e sinalização e esperança de uma nova vida – a parúsia.

A função perversa da instituição

Acontece, entretanto, que a instituição – *mal necessário* – geralmente se transforma num *mal mais do que necessário* e, dessa forma, deixa de *ser um bem para tornar-se um mal desnecessário*. Isso ocorre, sem possibilidade de exceção, em todos os casos em que a estrutura institucional põe-se a serviço não do desejo, em sua justa e necessária medida, mas de privilégios, corrupção, antiprodução, injustiça e iniquidades. Quando assim acontece, por exemplo, na instituição da Vida Religiosa, ela se degrada, perde seu sentido original e de fundação e se transforma num instrumento liberticida, contrário à fraternidade, à produção, trabalhando para criar o avesso da liberdade, isto é, a servidão alienante ou a servidão voluntária, usando inclusive, como pretexto, a libertação do pobre e dos marginalizados. Assim, deixa de ser a potência da transformação social e se transforma na estupidez da arrogância dos dominadores.

Agentes e lideranças comunitárias podem desviar as finalidades de libertação da população e construir outras finalidades para si próprios. Por exemplo, quando os religiosos elegem uma “pessoa central mítica” que se reveste de uma roupagem “centralizadora”, “imortal”, ou “paternal”.

Papa Francisco nomeou como:

a doença do sentir-se “imortal”, “imune” ou até mesmo “indispensável”, pondo de lado os controles necessários e habituais. [...] Uma visita ordinária aos cemitérios poderia ajudar-nos a ver os nomes de tantas pessoas, algumas das quais pensassem talvez que eram imortais, imunes e indispensáveis! É a doença do rico insensato do Evangelho que pensava viver eternamente (cf. Lc 12,13-21) (IGREJA CATÓLICA, 2015).

O caráter de *reprodutividade* é a consequência dessa característica acima. A instituição visa reproduzir e repetir, compulsivamente, pessoas robotizadas, com os mesmos ideais e pensamentos, eliminando a participação criativa,

a produtividade e o desejo inovador de cada participante. Dessa forma, o sistema de valores e de simbologia elaborados pelos religiosos formará tipos ideais, clones, que serão alienados no interior da instituição. Como consequência, a não observância desses parâmetros será sempre diagnosticada como comportamento desviante. Dessa feita, tais condutas deverão ser marginalizadas e excluídas do seio do grupo religioso.

As congregações geralmente temem a união dos irmãos, dos participantes dos grupos, percebendo-os como uma força que pode se voltar contra elas. A fantasia inconsciente institucional é a de que a união entre os participantes do grupo pode destruir o instituído. Isso é frequente em instituições totais e constituídas de autoridades déspotas e verticais. Assim, as relações fraternas grupais tornam-se concorrentes dessas fantasias institucionais, autoritárias e centralizadoras. Nas organizações geridas pelo autoritarismo, é impossível o trabalho de escuta e de diálogo.

É preciso compreender essa influência histórica das instituições religiosas, exorcizando o fantasma e a ideia de inimigo, a fim de diminuir a intensidade das lutas desagregadoras internas, antropofágicas, para depois voltar à ação contra o inimigo real.

Sobre isso, é esclarecedor o pensamento de Rouanet:

o paranoico é aquele que leva a sério a ficção objetivante inerente a todo enunciado. Não consegue ver na positividade do juízo um artifício provisório do pensamento lógico e absolutiza essa positividade, transferindo-a ao real (ROUANET, 1983, p. 145).

Essas rivalidades originadas em torno de um possível “inimigo” gerador de novas ideias trazem competições destrutivas, boicotes, fofocas, agressões, ou seja, o par (ou o grupo) enciumado passa a não contribuir em nada para a vida coletiva. Diríamos, resumidamente, que o grupo social, enquanto grupo, fica “enlatado”, “coagulado”, e só passamos informações para os pares com os quais temos alguma cumplicidade.

Papa Francisco classificou de:

doença dos círculos fechados onde a pertença ao grupinho se torna mais forte do que a pertença ao Corpo e, em algumas situações, ao próprio Cristo. É o mal que atinge a partir de dentro; e, como diz Cristo, “todo o reino dividido contra si mesmo será destruído” (Lc 11,17) (IGREJA CATÓLICA, 2015).

Esse tipo de atitude acaba alienando algum elemento que se sentirá rejeitado, se afastará da organização ou formará opositores da congregação.

Instituído e instituinte

Analisei em outros textos (2005) que o conceito de instituição vem, também, revestido de duas faces inseparáveis, o “instituído” e o “instituinte”. Por instituído, entende-se aquele que institui o direito: o verbo está no particípio passado, a ação é feita em favor do sujeito. Instituinte, por sua vez, diz daquele que faz a ação, o sujeito que age, produz, cria, opera: particípio presente do verbo instituir – dar início, estabelecer, criar. Portanto, o instituinte é a negatividade do instituído.

A instituição é um processo aberto, fluido. A trama dialética entre os movimentos do instituinte, do instituído e da institucionalização faz com que ela seja uma realidade inacabada, um ato permanente, um projeto em construção, como a própria vida. Por isso, a instituição não pode ser compreendida somente do ponto de vista conservador, sem nenhum movimento contrário, apenas como a face do instituído. Nesse sentido, uma Vida Religiosa de ritualismo pesado, de práticas prescritas, não responde ao momento atual. Papa Francisco sinaliza que esse tipo de organização padece:

da doença do “empedernimento” mental e espiritual, ou seja, daqueles que possuem um coração de pedra e são de “dura cerviz” (At 7,51-60); daqueles que, com o passar do tempo, perdem a serenidade interior, a vivacidade à audácia e escondem-se atrás

das folhas de papel, tornando-se “máquinas de práticas” e não “homens de Deus” (cf. Hb 3,12) (IGREJA CATÓLICA, 2015).

Embora não enxerguemos o outro lado da moeda, o instituinte existe. Ele sobrevive encoberto no seio de toda instituição, através de seu germe transformador, criativo e desejante. É como o *iceberg*, do qual só vemos a ponta aguda e cortante, mas que traz algo bem maior, de grande potência e inesgotável reserva.

Na formação dos grupos religiosos, a ação primordial é criar uma estratégia grupal de restituir, trazer à tona o conteúdo não dito, os segredos da organização, e resgatar a origem do movimento, o ideário, os primeiros fundadores e os primeiros sonhos mobilizadores, o que se denomina *processo de refundação* da Vida Religiosa.

Os obstáculos e as impossibilidades dessa mobilização logo virão à tona e poderão tornar-se evidentes. Esses obstáculos ou resistências devem ser analisados como reveladores da estrutura institucional e daquilo que chamamos “não saber” dentro das organizações: o desconhecido, censurado e negado pela força violenta do instituído.

Ora, uma Vida Religiosa entendida simplesmente como a administração de leis, as constituições, as regras, os estatutos e as normas, apoiada numa estrutura hierárquica e no saber restrito e absoluto de um determinado grupo, é uma maneira de perpetuar a dominação e a exclusão dos membros de uma organização. Essa organização social do tipo autoritária contraria a organização humanizadora.

Para o Papa Francisco é a doença da:

planificação excessiva e do funcionalismo. Quando o apóstolo planifica tudo minuciosamente e pensa que, fazendo uma perfeita planificação, as coisas efetivamente progridem, tornando-se, assim, um contabilista ou um comercialista. Preparar tudo bem é necessário, mas sem jamais cair na tentação de querer encerrar e pilotar a liberdade do Espírito Santo, que é sempre maior, mais generosa do que toda a planificação humana (cf. Jo 3,8) (IGREJA CATÓLICA, 2015).

3. Educação humanizadora

O que estamos chamando de organização social humanizadora é uma estratégia que cria e elabora uma nova maneira de relacionamento entre o líder e os participantes. Assim sendo, esse tipo de organização é capaz de garantir o exercício do poder coletivo, da iniciativa, da participação responsável e da criatividade de seus membros.

Paulo Freire analisou duas posições educativas: a primeira, que enfoca o ser humano como pessoa (concepção humanista), e a outra, que o vê como coisa (concepção bancária). A concepção de educação bancária é aquela que não acredita na relação humana, pelo contrário, enfatiza a importância de um dos polos da relação em detrimento do outro (cf. FREIRE, 2000, p. 59).

Segundo a concepção bancária, existem três lugares: o depósito, o depositante e o depositado. O liderado é como se fosse uma caixa (depósito) que a autoridade (depositante) vai enchendo de conteúdo (depositado), de conhecimento, como se o ato de educar fosse uma atitude passiva de receber doações ou imposições de experiências do outro. Ora, tal concepção nega a dialética entre autoridade e o liderado, imobiliza a relação entre as pessoas e submete um dos lados a uma posição desumanizante, passiva, dependente, marcada pela necrofilia – o amor à morte.

A proposta fundamental da educação bancária é a pedagogia dos hábitos. Nesse sentido, educar é, fundamentalmente, adestrar. A concepção humanista, ao contrário, parte da vocação ontológica do ser humano, estimula a comunhão e a comunicação através da capacidade das pessoas se amarem. Isso, segundo Paulo Freire, significa que “ninguém educa ninguém; ninguém tampouco se educa sozinho; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1978, p. 68).

Papa Francisco nos adverte e denomina esse tipo de vivência a:

doença da indiferença para com os outros. Quando alguém pensa somente em si mesmo e perde a sinceridade e o calor das

relações humanas. Quando o mais especializado não coloca o seu conhecimento ao serviço dos colegas menos especialistas (IGREJA CATÓLICA, 2015).

Educar, na concepção humanista, é humanizar a relação entre a autoridade e os seus participantes. Com muita frequência, a vida institucional da Vida Religiosa reproduz formas de dependência, indiferença, insensibilidade social, medo e culpabilidade, fruto de um sistema de educação bancária, vertical, centrada e mitificada em uma única pessoa, simulando a estrutura social, econômica e política. A educação humanista, ao contrário, procura superar essa contradição, enfatizando que o *habitat* natural dos princípios filosóficos desse sistema é a gestão compartilhada, a vida comunitária. É oportuno e importante refletir sobre o que entendemos a respeito de participação e educação de gestão compartilhada.

4. O que entendemos por participação?

Imaginemos um personagem flautista convidado a participar de um concerto. Como foi convidado, obviamente, deverá acompanhar a partitura e integrar sua parte com a dos outros músicos, sob a direção do maestro. A metáfora da orquestra ajuda a esclarecer como, geralmente, os religiosos empregam o termo *participação*.

Frequentemente, as autoridades religiosas solicitam dos colegas apenas a execução de tarefas, jamais possibilidades de pensar e criticar. Papa Francisco denomina esse tipo de gestão de:

a doença da má coordenação. Quando os membros perdem a comunhão entre si e o corpo perde a sua funcionalidade harmoniosa e a sua temperança, tornando-se uma orquestra que produz barulho, porque os seus membros não cooperam e não vivem o espírito de comunhão e de equipe (IGREJA CATÓLICA, 2015).

Assim, os membros da comunidade terão apenas que executar a partitura, sendo privados de qualquer iniciativa, de

todo o saber, competência, memória. Cada sujeito condiciona-se a um elemento mecânico, anônimo e mutável de uma engrenagem, na realização do projeto de um outro ser humano. Aqueles que se negam a participar da orquestra grupal, consciente ou inconscientemente, são taxados de acomodados, passivos, alienados, indiferentes à causa social e política.

Mas, felizmente, em cada ser humano existe, também, um germe revolucionário, chamado “resistência passiva”. Alguns têm plena consciência dele e sabem trabalhá-lo, buscando sua autonomia. Outros agem apenas protestando, inconscientemente, contra uma opressão. Revolta não é revolução.

Portanto, existem dois níveis ou qualidades de participação: a participação com desejo e a participação controlada ou restrita. Se entendemos o termo participação como algo de respeito à liberdade do outro, somente em um sistema organizacional é possível sua aplicação.

5. O que entendemos por gestão compartilhada?

A palavra *autogestão ou compartilhada* vem do grego e do latim *autós* = auto e *gerere* = gerenciar, administrar, ou seja, um sistema que se gerencia coletivamente. Mas o axioma fundamental da autogestão é o da igualdade do direito e do desejo entre as pessoas. Dessa forma, crê-se na autonomia, na participação, no saber, na experiência de cada ser humano, que, somando suas habilidades, se mantém, dirige e administra, estabelecendo as leis tão necessárias para o êxito do empreendimento. Portanto, o trabalho de gestão compartilhada é acompanhado do prazer coletivo da criação sem donos e senhores, que só gozam sozinhos e narcisisticamente.

Entretanto, o sistema de gestão compartilhada não é uma espécie de bálsamo destinado a acalmar as angústias das instituições autocráticas e autoritárias. Ele implica a escolha

livre dos participantes, na mudança radical de sua maneira de viver em comum e numa nova relação de poder. Não se trata, simplesmente, de destruir o poder centralizado e hierárquico, mas, sim, de resgatá-lo para a comunidade. A gestão compartilhada não é um sistema de anarquia, mas um sistema de autoeducação permanente, em que cada um pode se reeducar ante o próprio autoritarismo, a necessidade de dependência, a passividade e o prazer sádico e arrogante diante do fracasso do outro.

6. A relação entre autoridade e liderados

Há muitos questionamentos em torno desses dois personagens, seus papéis, suas funções e suas produções. Quem são esses personagens? Pode ser o provincial, superior de casa, diretor de obras sociais. Diante disso, poderíamos interrogar que hiato ou aproximação existe entre eles? O que sustenta sua tarefa comum? Que ideologia está subjacente a cada uma dessas funções?

A autoridade é alguém em quem a comunidade deposita, em determinado momento, a função de catalisar (sintetizar, organizar) suas ilusões, seus desejos, suas reivindicações. É sua função coordenar a caminhada e o processo educativo da formação do grupo, como um parteiro que facilita o ato de nascer, crescer, desenvolver-se, de transformar o grupo em sujeito de sua própria história. Ele é referência, figura de autoridade, autêntico líder biófilo (amante da vida) e de mudança: aquele que coopera com os liderados para facilitar a criação e a transformação da realidade social. Os liderados, quando acolhem um líder, detectam nele uma série de qualidades espirituais, políticas, psicológicas e sociais, de comunicação, de espírito de trabalho, de honestidade e responsabilidade. Ele é a figura do “Pai”, que ativa as energias internas, que estimula o crescimento dos participantes. Coordena espaços para todos contribuírem com palavras, ações, revisões da caminhada etc. É alguém que escuta com atenção os desejos do grupo. Sua figura não é de poder supremo, mas de representante da lei que regula as relações

entre os membros, criando, dessa forma, um sistema autônomo, democrático, gestão compartilhada, em rede.

Entretanto, a figura de autoridade deve ficar atenta às transferências, identificações e projeções que os liderados depositam em sua pessoa, como figura de semideus, todo-poderoso, onipotente, herói, castigador, vigia, centralizador. É necessário que a autoridade saiba discernir essas antigas demandas de amor, de ódio, de culpa, evitando, a todo custo, responder a elas, exatamente para que possam ser objetivadas e modificadas. O trabalho da autoridade é esclarecer aos membros a diferença entre a figura da autoridade suprema e a da autoridade que representa a lei da comunidade.

Além disso, a autoridade deve ficar vigilante para não se distanciar do grupo, de seus desejos e reivindicações. Ele deve cuidar para não colocar, como prioridade, os próprios anseios, alheios ao grupo, por influências externas de ordem econômica, intelectual, social, política etc. Isso pressupõe um trabalho muito delicado por parte da autoridade, porque suas próprias questões, da ordem da afetividade e da agressividade, podem entrar em cena, misturando-se com as demandas dos liderados.

Autoridade patriarcal ou autoritária

A figura autoritária evoca a figura do “Pai”, inflacionada dentro dos grupos religiosos. Ele deixa de ser símbolo da lei e torna-se demasiadamente presente, concreto e real. Esse tipo de poder é exercido, habitualmente, por pessoas extremamente inseguras, narcisistas, déspotas e tirânicas. Tais figuras de autoridade desejam mais serem prestigiadas do que ser amadas, fazendo os liderados gozarem não de proteção amorosa, mas de uma submissão irrestrita.

Esse tipo de autoridade através de suaves manobras mantém com os liderados relações inconscientes de poder, oferecendo segurança, proteção e amor, desde que o público, reciprocamente, alimente-o com aplausos, votos de obediência e admiração incondicional.

Papa Francisco classifica esse tipo de relação como uma grave doença de:

divinizar os chefes: é a dos que cortejam os Superiores, esperando obter a benevolência deles. São vítimas do carreirismo e do oportunismo, honrando as pessoas e não a Deus (cf. Mt 23,8-12). São pessoas que vivem o serviço, pensando exclusivamente no que devem obter e não no que devem dar. Pessoas mesquinhas, infelizes e inspiradas só pelo seu próprio egoísmo (cf. Gl 5,16-25) (IGREJA CATÓLICA, 2015).

É evidente que esse dispositivo de formação de religiosos só pode gerar relações de dependência, ojeriza à intelectualidade, incompetência, repetição, que sempre tampona o conflito interpessoal, comunitário, institucional, social e, principalmente, político.

Esse tipo de autoridade patriarcal envolve-se em várias atividades da sociedade. Seu papel principal é o de dar absoluta segurança aos integrantes, através da severidade extrema. É um mestre idealizado, censor, proibidor e avalista de permissões. Na relação de autoridade, com base na desigualdade, incute o temor e o mistério sobre si mesmo. É um líder próprio de grupos dependentes e dos sistemas piramidais.

A autoridade sedutora

A autoridade sedutora é aquela que não conhece a lei, mas, sim, casuísmos. É a autoridade demagógica, oportunista e mantida por duplo vínculo com os liderados: sob uma aparência democrática, o recurso empregado é de natureza autocrática e, quase sempre, termina com atitudes de um *laissez-faire*. Apresenta-se sempre com traços histéricos, é o novo tipo de homem político em voga. Autoridade midiática. Vê o mundo como um grande teatro e tem o papel de escrever a peça mais persuasiva, de assegurar a *mise-en-scène* mais ao gosto da mídia e de ser o ator com melhor desempenho.

Papa Francisco adverte quanto a esse tipo de autoridade e classifica-a como:

a doença do proveito mundano, dos exibicionismos, quando o apóstolo transforma o seu serviço em poder e o seu poder em mercadoria para obter dividendos humanos ou mais poder (IGREJA CATÓLICA, 2015).

Esse tipo de autoridade utiliza-se de chantagens e manipulações afetivas para manter os liderados controlados. Exacerba as suas qualidades e características através da fascinação do poder, do saber, do prestígio, do encanto e do feitiço de sua imagem, visando ao domínio do outro. Adoram o espetáculo do palco. Assim, a autoridade sedutora é aquela que favorece e protege só alguns, criando ciúme e inveja nos demais. Papa Francisco intitula esse tipo de autoridade como possuidora da doença da rivalidade e da vanglória. Quando a aparência, as cores das vestes e as insígnias de honra se tornam o objetivo primordial da vida (Fl 3,19) (IGREJA CATÓLICA, 2015).

A autoridade ética

A autoridade ética é aquela que representa a lei do grupo, elaborada pelo trabalho coletivo. Ele deve estar consciente do momento de sua separação, como líder da organização. A pedra fundamental do quebra-cabeça de “ser líder” está, exatamente, na consciência dos momentos de assumir a liderança e de deixá-la.

O lugar do poder, como referência da lei coletiva e, ao mesmo tempo, como lugar do vazio, do novo, constitui aqui a fonte dos micropoderes. Não está vinculada à orientação do burocrata, do profeta salvador, do herói da congregação e do grande demagogo sedutor. A associação recorrente que se faz do poder é a positividade, a produção de dispositivos de invenção, de criação e de múltiplas formas de subjetividades. A figura de autoridade ética assume o lugar de representação da lei, jamais de encarnação da lei. O lugar do poder não se concentra apenas nele, mas está em toda parte,

através da criação de redes moleculares nas comunidades, nas obras sociais e nos conselhos. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas, unicamente, formas diferentes, em constante transformação. O lugar do poder não é um bem natural, é uma prática da relação social e, como tal, constituída historicamente. Daí a importante e polêmica ideia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe, de um lado, os que têm o poder e, de outro, aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem, sim, práticas ou relações de poder, o que significa dizer que ele é algo que se exerce, que se efetua, que funciona.

A gestão compartilhada do poder regida pelos micropoderes baseia-se na crença de potencialização de todos os seus integrantes (líderes e liderados) no reconhecimento da autonomia, participação e responsabilidade de seus membros.

Na Vida Religiosa Consagrada, é comum a presença de líderes, provinciais, membros do conselho, coordenadores, diretores perpétuos, com vários anos de mandato. Não somos partidários de lideranças vitalícias, provenientes da realeza. O lugar da liderança tem que estar vago. Para isso, é necessário um investimento consciente, por parte do líder, para auxiliar os componentes do grupo a elaborarem sua perda ou sua morte. O grupo só continuará a evoluir e se tornará, verdadeiramente, um grupo-sujeito, quando for capaz de elaborar esses lutos, ou os processos de desmistificação em torno da figura de autoridade.

Portanto, o mandato de um líder deve ser seguido, paralelamente, de discussões que facilitem a sucessão desses coordenadores. Logicamente, o momento da perda será de tristeza e angústia para o grupo, mas, se há um preparo, facilmente essa perda poderá ser superada. O incorreto seria evitar a vivência dessa situação, eternizando os líderes em seus postos.

Em síntese, as características de um liderado-sujeito baseiam-se no princípio da autonomia e da independência. Sua marca fundamental é o relacionamento transparente e a

produção criativa de suas tarefas. Seus comportamentos não são infantilizados, nem a figura de autoridade semeia a culpabilidade e o temor dentro dele. O liderado-sujeito proporciona uma maior capacidade crítica entre seus colegas de grupos sociais. Leva-os, necessariamente, a interessarem-se pelo conhecimento da realidade e suas contradições, e pela busca de estratégias de mudança da conjuntura institucional da vida social.

Referências bibliográficas

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-: Francisco). *Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana*. 22 dez. 2015. Disponível em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2014/12/23/discorso_do_papa_francisco_%C3%A0_c%C3%BAria_romana_%E2%80%93_texto_integral/1115846>. Acesso em: 19 out. 2015.
- PEREIRA, William Cesar Castilho. Movimento institucionalista. In: PEREIRA, William Cesar Castilho (Org.). *Análise institucional na vida religiosa consagrada*. Belo Horizonte: CRB, 2005. p. 59-90.
- PEREIRA, William Cesar Castilho. *Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria, método e técnica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- PEREIRA, William Cesar Castilho. *O sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ROUANET, Paulo Sérgio. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Ed. Universidade Federal do Ceará, 1983.

Profecia coletiva: VRC tecendo redes de vida e libertação no enfrentamento ao tráfico de pessoas

413

IRMÃ EURIDES ALVES DE OLIVEIRA¹

“Enfrentar o trá co de pessoas é assumir a ‘causa de Deus’. [...] É ser uma carta de Cristo para o mundo (2Cor 3,3), é ser movida/o pelo Espírito da liberdade, pois onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade.”²

1. Introdução

Fazer memória agradecida do passado, acolher e viver o presente com paixão e realismo e abraçar o futuro com esperança militante, em profecia coletiva, tecendo redes de vida e libertação, têm sido a motivação e o empenho de muitas religiosas e religiosos nos últimos tempos e, em particular, neste Ano da Vida Consagrada.

Animada pelo espírito pós-conciliar de “volta às fontes”, assumindo em fidelidade criativa o seguimento de Jesus de Nazaré, a partir das periferias e fronteiras existenciais, sociais e culturais, a VRC tem nas últimas décadas descoberto na *missão em rede* um meio privilegiado para viver sua missão profética, respondendo aos apelos do Deus da vida, presente nos gritos dos sujeitos emergentes, nos cenários de velhas e novas pobreza deste tempo hodierno.

A intenção deste texto não é fazer uma abordagem teórica sobre a profecia da VRC e/ou do trabalho em rede, mas tecer algumas considerações sobre o tema e compartilhar alguns pressupostos, aprendizados e convicções que a prática da *missão em rede* no enfrentamento ao tráfico de pessoas tem nos oferecido, almejando que possam ser fios de vida e libertação que deem novos significados a nossa Consagração/

1 Irmã Eurides

Alves de Oliveira

nasceu em Aparecida de Goiânia, GO. É religiosa da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, graduada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, mestra em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, e especialista em Gestão Social, pela UNISINOS, São Leopoldo, RS. Coordena a Rede “Um Grito pela Vida” e é membro da Coordenação do GT de Enfrentamento ao Tráfico Humano da CNBB. Reside em Manaus, AM.
E-mail: ireurides@hotmail.com.

2 GASDA, E. Élio.

Tráfico de Pessoas e Trabalho Escravo: lugar teológico, existência ética, missão da Igreja. In: *Trá co de Pessoas e Trabalho Escravo* – II Seminário. Brasília, Edições CNBB, 2012. p. 32.

Missão, ampliando as possibilidades, opções, no horizonte da profecia que nos é legada.

Seguindo a metodologia do Ver, Julgar, Agir, parto de algumas considerações sobre o tecido social de onde surgem os *os-clamores*, que nos interpelam e provocam a unir forças e atuar em redes de solidariedade e profecia; a seguir faço uma breve fundamentação sobre redes e sua força de profecia coletiva para a VRC; e por fim compartilho algo sobre a missão da Rede Um Grito pela Vida, no intuito de continuar sensibilizando-nos para esta causa e, quem sabe, servir de luz para o surgimento de outras redes da VRC em resposta aos desafios missionários de nosso tempo.

2. O tecido social da sociedade contemporânea

“A realidade é vista melhor a partir da periferia do que do centro [...]. Quando eu falo de periferia, falo de limites [...]. Uma coisa é ver a realidade a partir do centro e outra coisa é vê-la do último lugar ao qual chegamos.”³

As alegrias e esperanças, as angústias, sofrimentos e clamores que marcam o nosso tempo e afetam a vida do planeta e da humanidade, sobretudo das populações empobrecidas, são para nós interpelações de Deus (cf. GS 1).

São múltiplas e complexas as situações e mediações que compõem o tecido social, a teia da vida na sociedade contemporânea. Analisá-las crítica e evangélicamente não é uma tarefa simples. Requer uma hermenêutica dos sujeitos, dos fatos e do tempo. Uma mística de olhos abertos, coração sensível e mente criativa para agir e interagir na dinâmica e horizonte do Reino de Deus.

Para evangelizar, o discípulo, a discípula missionária precisa conhecer a realidade, perscrutando-a com olhos de fé, em atitude de discernimento. Dada a complexidade da realidade, seu conhecimento implica uma evangélica visão crítica, condição para uma ação eclesial assentada em fundamentos sólidos.⁴

3 Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/540674-ve-mos-a-realidade-melhor-da-periferia-do-que-do-centro-entrevista-com-o-papa-francisco>>.

4 Cf. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015*, p. 17-18.

A tessitura das relações sociais envolve o processo de produção e reprodução social da vida nas suas expressões humanas, materiais e simbólicas. Essas relações configuram a sociabilidade humana como uma trama que envolve o social, o político, o econômico, o cultural, o ecológico, o religioso, questões de gênero, etnia e gerações.

Esse multifacetário tecido social é caracterizado como um “caleidoscópio”, ou seja, contextos de contínuas, múltiplas e rápidas mudanças. Uma virada histórica, caracterizada por velozes, significativas e por vezes violentas implicações e consequências na vida das pessoas, sobretudo dos pobres e excluídos, conforme nos recorda o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

A humanidade vive, neste momento, uma virada histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos. São louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas, por exemplo, no âmbito da saúde, da educação e da comunicação. Todavia, não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade. Esta mudança de época foi causada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida.⁵

Olhares atentos para este mundo em mudanças, adentrando nesta trama societária, que batizamos de *pós-moderna*, deparamo-nos com macros e microcenários sociais, econômicos, políticos e culturais, permeados de fios de dor e sofrimento por toda parte: a economia da exclusão e da desigualdade social que mata, a microfísica das

5 EG 52.

violências nos lares, nas escolas, ruas e praças; o grito e o gemido da terra ferida e devastada, que provocam e interpelam nossas sensibilidades e opções missionárias para além da estritamente eclesial.

Apesar do progresso técnico-científico, e do tão propagado crescimento econômico, persistem e aprofundam-se, assimetricamente, desigualdades e desequilíbrios humanos, sociais e ecológicos, geradores de uma generalizada crise civilizacional, com marcas de dor e destruição em todas as esferas da vida humana e do planeta. Cresce a cada dia a concentração do ter e do poder nas mãos de uns poucos e os altos índices de pobreza e miséria continuam a interpelar nossas consciências. Os pobres são considerados supérfluos e descartáveis. A natureza, as pessoas, as relações humanas,

fios de sua existência violados e envolvidos na tessitura desta triste trama planejada pelos traficantes da liberdade.

O tráfico de pessoas é semelhante a uma teia/rede, composta de uma infinidade de fios que se cruzam e se entrelaçam. Em cada um deles está uma pessoa, que tem uma história, um lugar de onde partiu e que agora vive marcada por uma trama muito maior do que tudo o que tenha sonhado ou desejado.

No tênue fio de um menino nascido no interior do Norte do Brasil há uma infância marcada por tantas dificuldades que é difícil dizer por qual razão o sonho de mudar a realidade foi crescendo, até se tornar um desejo de sair daquele lugar, de arriscar tudo por algo melhor. Uma de suas poucas alegrias era o futebol, onde o giro da bola, o drible e a magia do gol faziam sorrir e pensar que viver valia a pena.

Noutro fio, tão tênue quanto o primeiro, está uma jovem mulher, bonita e pobre ou, como algumas vezes gostam de dizer, “com poucos recursos”. À sua volta a realidade é de privação, senão da comida ou do conforto, mas ainda assim ausência de um futuro em que ela se veja feliz. Ela teima em querer buscar o que deveria ter por direito ou por muito desejar.

O fio de um homem adulto que vê a seu redor uma situação que lhe causa dor e sofrimento. Forte para trabalhar, mas sem emprego ou sem a possibilidade de viver dignamente com aquilo que lhe oferecem. O pouco estudo não o intimida e está disposto a arriscar o que for necessário para melhorar de vida.

Outro fio, tecido num corpo que foi sendo modificado e agora já é difícil afirmar se é ele ou ela, também habitam sonhos e desejos de uma vida melhor, ainda que isso signifique uma quantidade a mais de sacrifício pessoal e distanciamento de sua terra.⁶

Estes *os-clamores*, que se entrelaçam nos contextos, corpos e subjetividades das pessoas exploradas e traficadas por esta nefasta rede do mal, desvelam os rasgos do tecido humano e social da sociedade contemporânea. Rasgos de

6 ANDRADE, Cesar William. *No enfrentamento ao tráfico de pessoas, tecer outra rede*. Disponível em: <<http://redeumgritopelavida.blogspot.com.br/p/reflexoes.html>>.

desumanização, injustiça e idolatria sistêmica. “A civilização do século XXI é profundamente idolátrica, seja na economia, na cultura e na política.”⁷

O enfrentamento destas realidades se impõe para o Estado e a sociedade como um urgente imperativo *ético-político*. E para a Igreja e a Vida Religiosa Consagrada, como um clamor, um grito que clama aos céus, uma convocação à *Profecia Rede*.

Devemos unir as forças para libertar as vítimas e para encerrar este crime sempre mais agressivo, que ameaça, além das pessoas singulares, os valores fundamentais da sociedade, e também a segurança e a justiça internacional, além da economia, do tecido familiar e o próprio viver social [...]. Todos nós somos chamados por Deus para sermos livres, todos somos chamados para sermos filhos e filhas, e cada um, cada uma, de acordo com as suas responsabilidades, é chamado para combater as formas modernas de escravidão. Todas as pessoas, culturas e religiões, vamos juntar forças (cf. Papa Francisco).⁸

3. Trabalho em redes como caminho e horizonte de profecia para a VRC

*“Deus chama a gente pra um momento novo /
de caminhar junto com o Seu povo.*

*É hora de transformar o que não dá mais
/ Sozinho, isolado, ninguém é capaz.”*

Zé Vicente

Deus chama a gente para um momento novo. Este canto do nosso poeta Zé Vicente, que cantamos e dançamos tantas vezes em nossos encontros e celebrações, nos convoca para a ruptura de toda forma de individualismo, fragmentação e/ou autorreferencialidade na missão. Apresenta a *missão em rede* como caminho capaz de *transformar o que não dá mais*, ou seja, adverte-nos que, diante da complexidade e urgências da realidade, dos inúmeros clamores e dramas da criação e

7 GASDA, op. cit.

8 Disponível em:
<http://www.snpcultura.org/trafico_se-res_humanos_e_vergonha.html>.

da humanidade, esgotou-se o tempo das práticas privativas e isoladas da minha congregação, do meu grupo, da minha igreja, da minha organização... Só juntos e juntas entre nós e com outros e outras somos capazes de ser eficazes, significativas/os e fiéis na missão profética de *despertar o mundo* para Deus e para a justiça do Reino.

Despertem o mundo! Sejam testemunhas de uma forma diferente de fazer as coisas, de agir, de viver! É possível viver neste mundo de forma diferente [...]. A radicalidade evangélica não é apenas para os religiosos: ela é exigida de todos. Porém, os religiosos seguem ao Senhor de forma especial, seguem-no profeticamente. É este testemunho que espero de vocês. Os religiosos e as religiosas deveriam ser pessoas capazes de despertar o mundo (Papa Francisco).⁹

Nesta perspectiva é importante compreendermos que atuar em redes e parcerias é hoje um imperativo para todo e qualquer grupo social que pretenda interagir e intervir na realidade, pois a sociedade contemporânea é hoje uma *sociedade em rede*¹⁰ e nós necessariamente precisamos *pensar, estar e agir em rede*.

Algumas considerações sobre trabalho e organização em redes

“Construir redes signi ca apostar em relações humanas articuladas entre pessoas e grupos que, no debate das diferenças, possam ajustar intenções mais coletivas e produtivas para todos.”¹¹

O tema, a organização e o trabalho em redes e parcerias, têm sido nas últimas décadas uma realidade e um desafio constantes para estudiosos e atores sociais das múltiplas e diversificadas instituições comunitárias, sociais, econômicas, políticas e religiosas. Trata-se de um novo paradigma que tem revolucionado a visão andro e antropocêntrica, autossuficiente, individualista e compartimentada do mundo em que vivemos. “Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de rede modifica substantivamente a operação e o resultado dos processos de produção, experiência, poder e cultura.”¹²

9 Cf. Carta apostólica do Papa Francisco às pessoas consagradas para proclamação do Ano da Vida Consagrada.

10 Cf. CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

11 GUARÁ, Isa M. F. R. (Coord.). *Gestão municipal dos serviços de atenção à criança e ao adolescente*. 2. ed. São Paulo: IEE – PUC-SP/CBIA, 2000.

12 CASTELLS, op. cit., p. 497.

O conceito de “redes” é polissêmico e tem sido abordado por pensadores/as das mais diversas áreas de conhecimento de formas diversificadas, segundo seus interesses. Para nós neste momento importa pensar a rede como espaço e possibilidade de ação conjunta: redes de solidariedade, redes de colaboração, estratégia organizativa que articula intencionalmente pessoas e grupos humanos, que ajuda os atores e agentes pastorais e/ou sociais a potencializarem suas iniciativas para promover o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos envolvidos, incidindo na superação das situações de injustiças e vulnerabilidades que os atingem. Rede enquanto ação, articulação e organização social e política, como espaço e metodologia missionários.

A simbologia da “rede” é significativa para a compreensão do conceito: a rede não é apenas a soma de cordas. É uma maneira de entrelaçar as cordas de tal modo que, juntas, conseguem adquirir potencialidades que ultrapassam as capacidades individuais de cada uma delas. Em outras palavras, o trabalho em rede, além de ser uma forma privilegiada para somar forças, é também uma maneira de trabalhar de forma articulada que permite desdobrar as habilidades dos sujeitos envolvidos, garantindo uma maior eficácia no trabalho e maior eficiência nos resultados.¹³

A ação em rede introduz novos valores, habilidades e processos, necessários para todos os grupos que pretendem atuar no enfrentamento a causas sociais complexas de forma ampla e qualificada. Envolve processos de circulação de informações e conhecimentos, articulação, participação e cooperação.

A rede constitui uma teia de vínculos, relações e ações entre indivíduos e organizações, na busca de novas articulações entre os atores sociais, para a construção coletiva de soluções ante demandas comuns. São estruturas horizontais e participativas que através de parcerias e alianças vêm se demonstrando sempre mais efetivas no enfrentamento das diferentes situações de exclusão e violações de direitos das pessoas em situações de vulnerabilidades. Como exemplos, temos as redes de economia solidária, redes de defesa dos direitos humanos, redes

13 LUSSI, Carmem; MARINUCCI, Roberto. *Notas sobre o trabalho em rede*. Disponível em: <http://www.csem.org.br/pdfs/notas_sobre_trabalho_em_rede.pdf>.

de serviço aos migrantes, redes de enfrentamento à violência contra mulheres e à exploração sexual de crianças e adolescentes, as redes de enfrentamento ao tráfico de pessoas e, dentre elas, a Rede Um Grito pela Vida, além de muitas outras.

A articulação em parcerias e redes, através dos diversos fóruns, comitês, conselhos tutelares e de direitos, conferências e secretarias específicas que afloraram fortemente nos últimos anos, mesclando ações da sociedade civil organizada, órgãos de governo e empresas privadas, não obstante as dificuldades, contradições e conflitos inerentes aos processos coletivos plurais, constitui uma proposta alternativa e democrática de realização do trabalho coletivo e de circulação do fluxo de informações, elementos essenciais para o processo cotidiano de transformação social.

São canais de participação importantes, conquistados pelos movimentos populares e demais seguimentos da própria sociedade civil, que incidem na definição e monitoramento das políticas públicas. Urge sem dúvida qualificá-los e torná-los mais efetivos com uma participação militante qualificada, proativa e eticamente responsável.

Missão em rede – fios que se unem em profecia articulada

*“Não é possível crer que tudo é fácil.
Há muita força que produz a morte...
É necessário unir o cordão...”*

*É ele quem nos convida pra trabalhar,
o amor repartir e as forças juntar.”
Zé Vicente*

Neste universo da *sociedade em rede*, a Igreja e a Vida Religiosa Consagrada, a fim de responderem em fidelidade criativa aos apelos de Deus oriundos dos cenários das periferias e fronteiras “onde a vida clama” e pede profecia, são convocadas a entrelaçar os fios de seus carismas, tempo e recursos humanos, culturais e materiais, para ampliar os espaços de participação e articulação na missão que realizam, intensificando sua presença, participação e organização em redes.

... Não poderia este Ano ser ocasião de sair, com maior coragem, das fronteiras do próprio Instituto para se elaborar em conjunto, a nível local e global, projetos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Poder-se-á assim oferecer, de forma mais eficaz, um real testemunho profético. A comunhão e o encontro entre diferentes carismas e vocações são um caminho de esperança. Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem contando apenas com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua...¹⁴

Os múltiplos corpos e faces das novas pobreza: “os migrantes, as vítimas de violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os toxicodependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para exploração sexual, pessoas desempregados/as, excluídos/as pelo analfabetismo tecnológico, pessoas que vivem na rua das grandes cidades...”,¹⁵ gritam por iniciativas que gerem transformações concretas em suas vidas.

Nos corpos desfigurados e nos eloquentes gritos por dignidade e justiça destas categorias de pessoas, estão o corpo e o grito do Cristo, o Crucificado/Ressuscitado, a quem seguimos e nos comprometemos. Desta nossa fé e compromisso de Consagradas/os brota a urgência de uma *solidariedade orgânica* e *sociotransformadora*, como atitude permanente de encontro, fraternidade e serviço, expressa em opções coletivas na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos.

Missão exigente e desafiadora, ante a complexidade dos contextos e a amplitude dos clamores que nos interpelam. A resposta a estas situações jamais será eficaz de forma compartimentada e isolada. Só de forma compartilhada e articulada será possível fazermos frente a estes dramas humanos, socioculturais e ecológicos hodiernos. Urge, portanto, criar e/ou intensificar uma *cultura de articulação e cooperação em rede* como caminho e horizonte da missão profética da VRC.

14 Idem. Carta apostólica do Papa Francisco às pessoas consagradas para proclamação do Ano da Vida Consagrada.

15 CELAM. *Documento de Aparecida* (DAP). Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 5. ed. Brasília: CNBB/Paulinas/Paulus, 2008, n. 402.

O trabalho em redes intercongregacionais e/ou interinstitucionais, as parcerias e alianças com causas missionárias comuns, é sem dúvida um sopro do Espírito e uma possibilidade *místico-profética* de encarnação e atualização dos Carismas de nossas congregações nas dobras da história, nos novos espaços sociais, políticos e teológicos emergentes, onde nossas limitações, quer pessoais, quer institucionais, não nos permitem chegar sozinhas/os.

Além da urgência histórica, que nos é imperativo para trabalhar juntas/os no horizonte místico-profético, há fundamentos teológicos que animam e sustentam a *organização* e *missão em rede* na VRC:

- a) A missão em rede enquanto sinal da Comunhão Trinitária. Na alteridade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Deus se faz Uno na Missão de ser e criar comunhão. “... que eles/as sejam um, assim como nós somos um” (cf. Jo 17,11).
- b) “A fidelidade ao Deus da Aliança e a aliança de Deus com o povo” (Jr 31,33), razão de ser da VRC que, ao entregar-se como pertença ao Senhor, torna-se corresponsável pela história de Salvação e Libertação do povo, encontrando e compartilhando meios e caminhos em cada momento histórico.
- c) O projeto missionário de Jesus (Lc 4,16-20) é a missão dos/as seus discípulos/as missionárias; portanto, é a missão de toda VRC que a ele se consagra e envia para proclamar o fim de toda escravidão.
- d) Na diversidade dos carismas (1Cor 12,4), único é o Espírito que nos move e mobiliza para o horizonte da profecia do Reino de Deus e para solidariedade com os empobrecidos e empobrecidas.
- e) A memória e a atualização do Mistério Pascal de Cristo, celebrado na Eucaristia, nos aproximam uns dos outros, umas das outras, e nos integram como participantes vivos do corpo de Cristo (Ef 2,13), comungando de sua missão de lutar para que todos os povos tenham vida; somos impelidas/os a repensar e recriar nossa vida e missão, interligando nossos projetos e corpos institucionais em redes de comunhão solidária.

- f) A opção evangelizadora da Igreja, que compreendendo “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza” (DA 392). Convoca-nos a assumir as realidades de fronteira, engajando-nos nos espaços mais diversos para defender e promover a vida ameaçada.
- g) A prioritária razão de ser da VRC – Profecia do Reino de Deus. “As pessoas consagradas são sinais de Deus nos diversos ambientes de vida, são fermento para o crescimento de uma sociedade mais justa e fraterna, são profecia de condivisão com os pequenos e os pobres” (Papa Francisco).¹⁶

A partir destes parâmetros e fundamentos, podemos afirmar que, unidas/os pelo compromisso comum com o Evangelho da Vida, na missão de ser sinal da justiça e Profecia do Reino de Deus na história, respondendo com solicitude ao Espírito às interpelações do momento presente, somos convidadas/os a fazer da *organização e missão em rede* um laboratório de solidariedade, democracia e cidadania. Um caminho de fidelidade dinâmica e criativa à vocação profética, que somos desafiadas a reavivar e ressignificar nesta encruzilhada histórica em que nos encontramos.

4. Rede Um Grito pela Vida: um caminho de possibilidades, desafios e esperanças...

*“Diante da Rede da Maldade e da Morte,
surge a Rede do bem – Um Grito pela Vida.
Começou pequena como semente de mostarda,
mas está crescendo,
criando força e influência no Brasil e no mundo
A rede da maldade que promove o tráfico
se organiza a partir do desejo de lucro e de prazer.
A rede Um Grito pela Vida
se organiza entre as Congregações religiosas com leigos/as
e outras Organizações do bem,
a partir da fé em Deus e do amor à vida.”*

cf. Carlos Mesters

16 Idem. Carta apostólica do Papa Francisco às pessoas consagradas para proclamação do Ano da Vida Consagrada.

A história de como surgiu a Rede Um Grito pela Vida e como ela está organizada já foi relatada em vários subsídios da VRC, de forma que aqui faço apenas um sucinto resumo desta trajetória, no intuito de enfatizar a reflexão acerca do significado profético da missão, as possibilidades, desafios e esperanças que a mesma carrega e oferece ao conjunto da VRC.

Para recordar!

Em março de 2007, um grupo de 28 religiosas de 20 Congregações, vindas de diversas regiões do país, ao concluir o curso de formação sobre tráfico de pessoas, organizado pela Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB, por solicitação da UISG, União Internacional das Superiores Gerais, que em sua Plenária Internacional, no ano 2000, havia assumido o compromisso de mobilizar as Conferências e Congregações a atuarem no enfrentamento ao tráfico de pessoas, em particular contra o tráfico de mulheres. Indignadas e sensibilizadas com a crueldade, amplitude e gravidade da realidade do tráfico de pessoas no mundo e em nosso país, estas religiosas sentiram neste drama de milhares de pessoas um desafio-clamor, que agride a vida e viola a dignidade de milhões de pessoas, sobretudo as mulheres e crianças. Um apelo de Deus que precisava ser acolhido e enfrentado de forma conjunta. E para esta finalidade criaram a Rede Um Grito pela Vida com a missão assim definida na época: “Atuar na erradicação do TSH socializando informações; partilhando e fortalecendo ações de prevenção; articulando e integrando ações de apoio às vítimas, motivadas pela mística da Vida Consagrada: o seguimento de Jesus Cristo na defesa da Vida”.¹⁷

Eu creio na semente lançada à terra na vida da gente

Assim nasceu a Rede Um Grito pela Vida, como uma pequena semente de *missão em rede* no enfrentamento ao tráfico de pessoas, plantada no chão de nossos espaços de missão, de nossas Congregações e da Conferência dos Religiosos/as do Brasil. Semente que, regada com “muita reza e muita luta”,

¹⁷ Fragmento do termo de compromisso de criação da Rede.

creceu e se espalhou pelo Brasil, como expressão evangélico-política de solidariedade e cidadania. Ganhou visibilidade e força mística e profética de conscientização, articulação e mobilização em âmbito nacional e internacional.

A história da Rede Um Grito pela Vida se confunde com o inquieto impulso de algumas Religiosas que contagiaram algumas Congregações. E, desde o primeiro “grito”, ninguém mais segurou esta causa. A cada encontro, a cada reflexão, a cada seminário, a rede cresce... a voz se levanta mais... as iniciativas se concretizam... os fios se ligam. Profecia!¹⁸

Hoje, a Rede Um Grito pela Vida está presente em todas as regiões do país, com 24 núcleos em 22 estados e no Distrito Federal, e conta mais 300 religiosas/os, de aproximadamente 50 congregações, muitos leigos/as integrantes dos núcleos e um grande leque de apoiadores/as e parceiros/as no enfrentamento ao tráfico de pessoas.

Com o *slogan*/lema “Enfrentar o tráfico de pessoas é nosso compromisso!”, a Rede Um Grito pela Vida assume a missão de atuar na *prevenção, atenção às vítimas e incidência política* através de atividades de:

- sensibilização e informação, priorizando os grupos em situação de vulnerabilidade, lideranças comunitárias, agentes de pastoral e outros;
- organização de grupos de reflexão e estudo, aprofundando as causas e situações que favorecem o tráfico de pessoas: questões de gênero, violência, modelo de desenvolvimento, grandes construções e projetos, grandes eventos, hedonismo midiático, aumento da precariedade do trabalho, corrupção, impunidade, entre outras;
- capacitação de multiplicadores/as, visando ampliar a ação de enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, principalmente para fins de exploração sexual;
- participação e mobilização social e política de incidência na definição e efetivação de políticas públicas de enfrentamento ao tráfico de pessoas.

18 AMBRÓSIO, Mariam. *Um grito pela vida*. Publicações CRB, 2013.

Integrada às organizações e organismos eclesiais, sociais e políticos, motivada e inspirada pela força do Espírito de Deus, fundamentada na Palavra de Deus que é fonte de Vida e Liberdade, a Rede Um Grito pela Vida, num movimento contínuo de aprendizagem, determinação, ousadia e criatividade, tem feito ecoar em mutirão o seu *Grito pela Vida*, pelo fim do tráfico de pessoas e das práticas similares de violação dos direitos humanos, desvelando e denunciando os mecanismos de dominação e escravidão que criam e sustentam esta rede do mal: a lógica mercantilista, excludente e violenta do capitalismo e do patriarcalismo; a massificação das consciências e a erotização e violência midiática dos corpos e das relações humanas e afetivas pelas mídias dominantes; a cultura classista, sexista, racista e homofóbica que marginaliza e explora as pessoas das mais diversas formas; a ineficiência e inoperância das leis e processos de responsabilização dos agentes do crime; a cultura da indiferença e da naturalização das desigualdades e exploração de gênero, etnias e classes sociais; a precariedade das políticas públicas voltadas para as populações vulneráveis à corrupção e outras.

Indignação e ação libertadora – “No grito a dor e o pranto, no canto libertação!”

O Grito da Rede é um Grito Operativo, ou seja, além de ser um Grito de indignação e denúncia que rompe o silêncio social e dá visibilidade à realidade do tráfico de pessoas, abordando incansavelmente, nos mais diferentes espaços, esta realidade e os inúmeros malefícios desta abominável mazela na vida das pessoas traficadas, a Rede *grita pelas mãos*, na arte de tecer redes de vida e libertação, fomentar e desenvolver processos de cidadania articulada.

Sua logomarca são mãos abertas, de várias cores, dispostas de forma circular, prontas para agir coletivamente, se entrelaçar com outras mãos estendidas em compaixão samaritana e força profética no enfrentamento ao tráfico de pessoas.

Com as mãos entrelaçadas e unidas na intercongregacionalidade – comunhão de carismas – e na interinstitucionalidade com múltiplas organizações afins, os núcleos da rede nos

estados e municípios vão a cada dia fomentando, promovendo e/ou participando de atividades e processos de prevenção, orientação, encaminhamentos e acompanhamento a casos concretos, com um intensivo trabalho formativo, de intervenção social e incidência política, buscando instruir e instrumentalizar a sociedade e fortalecer a rede de enfrentamento ao tráfico de pessoas, a fim de coibir o crescimento da inserção e/ou reinserção das pessoas neste mercado do crime.

Embalados pela ciranda da solidariedade e da utopia, “nós somos muitos, nós somos fortes, dignidade e liberdade é nossa sorte” (Zé Vicente), num movimento circular e de horizontalidade nas relações, no entrelaçar as mãos, dons, saberes e serviços, no juntar as vozes de indignação e profecia e no esforço de acertar os passos nas estratégias de enfrentamento ao tráfico de pessoas, e superar as causas geradoras desta escravidão contemporânea. A Rede Um Grito pela Vida tem sido desafiada permanentemente a uma inserção proativa em novos espaços sociais e políticos de defesa de direitos, formulação, viabilização e monitoramento das políticas públicas: os fóruns, comitês, núcleos e postos de enfrentamento e nas múltiplas redes de proteção social organizadas.

Missão que se impõe como um aprendizado e desafio permanente à capacitação, abertura às diferenças e posicionamentos firmes, claros e coerentes. Postura ético-política – e por que não dizer *místico-profética?* –, que deve fazer a diferença, evidenciando nossa Consagração/Missão pelo testemunho, conteúdo e relações pautadas nos valores do diálogo, da justiça, equidade e defesa dos direitos dos pobres, especialmente das vítimas em potencial ao tráfico humano: mulheres, crianças e adolescentes, juventudes, migrantes, indígenas, afrodescendentes e populações em situações de vulnerabilidades.

Profecia, ternura e ousadia é missão de cada dia!

Nesta trajetória de aprendizado e militância, fé e cidadania, oração e ação, ternura e ousadia, a missão da Rede Um Grito pela Vida e de, forma mais ampla, a *missão em rede* tem sido confirmada pela Vida Religiosa Consagrada como um caminho de fidelidade dinâmica e criativa ao Deus da

Aliança e de retomada da radicalidade no seguimento de Jesus de Nazaré, pela possibilidade de encarnação e visibilização dos carismas congregacionais nos espaços de fronteira, revitalizando e atualizando as origens fundacionais, oportunizando a muitas religiosas/os e congregações o retorno aos pobres, ampliando a compreensão acerca dos espaços e formas de ser presença solidária. Um sinal de vitalidade pessoal e missionária para muitos e muitas.

Sua força de atração e credibilidade tem despertado em muitos cristãos leigos/as o compromisso de uma fé comprometida com a vida onde ela se encontra ameaçada. Bem como contribuindo com o conjunto da Igreja na missão de ser advogada dos pobres, perita em dignidade. Uma Igreja discípula e missionária, atenta aos dramas humanos, especialmente os mais vulneráveis. Uma Igreja que não se limita aos espaços do templo, mas vai ao encontro, se compromete e soma força com as lutas dos/as empobrecidos/as, como dimensão intrínseca do seu compromisso com Jesus e o Reino por ele anunciado.

Passo a passo, o caminho se faz

A cada passo nos deparamos com esperanças e desafios que nos impulsionam a seguir fazendo história. No atual estágio da caminhada da Rede Um Grito pela Vida, podemos perceber que os desafios e esperanças se misturam num mosaico de diferentes peças e cores, que evidenciam horizontes, provocações e sinalizações para o presente/futuro de nossa missão nesta tessitura de *profecia em rede* como Igreja e Vida Religiosa Consagrada.

A partir do consenso em torno da sacralidade da pessoa humana e da opção pelos pobres como *causa de Deus*, abraçar e reafirmar cotidianamente o compromisso com a defesa intransigente das pessoas agredidas em sua dignidade, através de uma aguçada sensibilidade, abertura e disposição para ouvir e acolher seus gritos, rompendo com a cultura da indiferença, compartilhando a missão com os leigos/as, atuando em redes e parcerias, são imperativos divinos. *Esperança-desa o* para a Vida Religiosa Consagrada na missão de ser no e para o mundo: Evangelho, profecia e esperança.

Nesta perspectiva, penso que o poema “Renova-te”, de Cecília Meireles, pode nos provocar e animar a seguir firmes, abrindo-nos sempre mais aos horizontes da missão em rede, no enfrentamento ao tráfico de pessoas e/ou outras realidades de fronteiras.

Vida Religiosa Consagrada:

“Renova-te.



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A revista *Convergência* recebe colaboração espontânea de artigos inéditos que serão avaliados pelo Conselho Editorial, o qual decide pela sua publicação ou não, de acordo com os seguintes critérios:

- o conteúdo deve estar em sintonia com o objetivo da revista, que é oferecer subsídios de formação, reflexão e aprofundamento para as comunidades religiosas;
- os artigos devem ser enviados em arquivo Word, em fonte Times New Roman, tamanho 12 (com rodapé tamanho 10), contendo entre 25 e 30 mil caracteres com espaço;
- elaborar, no final de cada artigo, pelo menos três questões para ajudar a leitura individual e o debate em comunidade, além de bibliografia consultada;
- enviar juntamente com o artigo os dados biográficos do autor e endereço para contato;
- os artigos deverão ser enviados três meses antes da data prevista para a publicação, no seguinte endereço eletrônico: <publicacoes@crbnacional.org.br>.



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 135,00 (para o Brasil)
- R\$ 189,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 2863-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br
ou pelo telefone **(61) 3226-5540**
ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).